

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

**TRAJETÓRIA DOS RECEPTORES:
HISTÓRIA DE VIDA E RESGATE DAS MEDIAÇÕES
Dissertação de Mestrado**

Yhevelin Serrano Guerin

**Porto Alegre
2000**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

**TRAJETÓRIA DOS RECEPTORES:
HISTÓRIA DE VIDA E RESGATE DAS MEDIAÇÕES**

Yhevelin Serrano Guerin

**Dissertação de Mestrado apresentada como
requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre em Comunicação e Informação.**

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Nilda A. Jacks

Porto Alegre

2000

*“Nenhum homem é uma ilha isolada; cada
homem é uma porção do Continente, uma
partícula da Terra, uma parte do oceano (...);
a morte de qualquer homem me diminui,
porque sou parte do gênero humano”*

Jonh Donne

AGRADECIMENTOS

À Professora Nilda Jacks, por me ensinar a pesquisar.

À Luciana e à Carmen, sempre dispostas em ajudar.

À minha família, por estar sempre perto.

Aos amigos que acompanharam minha trajetória na vida acadêmica — e fora dela —, em especial ao Jairo, pela paciência e ajuda essencial; e à Gislaine, pelos “empurrões” e por me mostrar que além de alimentar nosso intelecto, temos também que alimentar nosso espírito.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| RESUMO..... | 07 |
| ABSTRACT..... | 08 |
| 1 SUJEITO SOCIAL E SUJEITO RECEPTOR..... | 09 |
| 2 OBJETIVOS..... | 14 |
| 2.1 Geral..... | 14 |
| 2.2 Específicos..... | 14 |
| 3 COMUNICAÇÃO E ESPAÇOS MUDIÁTICOS..... | 15 |
| 3.1 Construção das mediações..... | 18 |
| 3.1.1 Outras contribuições..... | 23 |
| 3.2 Recepção e História de Vida..... | 28 |
| 4 A HISTÓRIA ORAL..... | 32 |
| 4.1 História de Vida | 36 |
| 4.2 A questão da subjetividade e representatividade da utilização da História de Vida..... | 38 |
| 4.3 A memória dos receptores..... | 43 |
| 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 48 |
| 5.1 Procedimentos técnicos..... | 53 |
| 5.1.1 Construção das narrativas..... | 54 |
| 6 A TRAJETÓRIA DOS ENTREVISTADOS..... | 57 |
| 6.1 A vida de Janeta..... | 57 |
| 6.2 A vida de Gildo..... | 70 |

| | | |
|-------|---------------------------------|-----|
| 7 | RESGATE DAS MEDIAÇÕES..... | 84 |
| 7.1 | Janeta..... | 84 |
| 7.1.1 | Temporalidade social..... | 84 |
| 7.1.2 | Cotidianidade familiar..... | 90 |
| 7.1.3 | Competência cultural..... | 96 |
| 7.2 | Gildo..... | 104 |
| 7.2.1 | Temporalidade social..... | 104 |
| 7.2.2 | Cotidianidade familiar..... | 111 |
| 7.2.3 | Competência cultural..... | 114 |
| 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 122 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 130 |

RESUMO

O presente trabalho mostra a pertinência da utilização da técnica de História de Vida na pesquisa de comunicação, em especial nos Estudos de Recepção, partindo da idéia que as mediações, sugeridas pela Teoria das Mediações, definem-se conforme a trajetória de vida de cada indivíduo. Neste sentido, é possível o resgate e a análise das mediações considerando não só o ato flagrado no momento da recepção, mas levando em conta também toda a trajetória do receptor. Trata-se de um exercício teórico/metodológico que aproxima a História de Vida com o conceito de mediação. O objetivo principal foi o de resgatar a temporalidade social, cotidianidade familiar e competência cultural — principais mediações identificadas por Martín-Barbero —, evidenciando que, a partir da trajetória de duas pessoas, se pode entender como elas se “construíram” receptores.

ABSTRACT

This study shows the importance of the “Life Histories” technique in the communications research, especially in the studies of communication. It is constructed from the idea that mediations, proposed by the Mediation’s Model, define themselves from the life’s history of each individual. Thus, it is possible to reconstruct and analyze the mediations considering not just the moment of the reception, but also all the life of the receptor. It’s a theoretical/methodological exercise that approximates the “Life Histories” and the concept of mediations. The main objective of this study was to identify the social “temporariness”, family routines and the cultural competence — the principals mediations proposed by Martín-Barbero —, considering that from the history of two people we can see how they built themselves receptions.

1 SUJEITO SOCIAL E SUJEITO RECEPTOR

Atualmente, a religião e a família não estão completamente sós na tarefa de ditar regras e valores nos modos de agir e pensar das pessoas, deixando de ser, de certo modo, os principais pontos de referência do sujeito. Junto a eles, a televisão tomou um lugar destacado, tornando-se, hoje, um dispositivo particularmente significativo de reconstrução econômica, de preocupação política e de transformação cultural (MARTÍN-BARBERO, 1997), e, muitas vezes, fica a questão: como uma tecnologia inventada em 1937 acabou, em poucos anos, tornando-se a grande influenciadora do comportamento e articuladora de hábitos, impondo nova rotina doméstica e servindo também de “educadora” e/ou formadora de opiniões, entre outras coisas?

É inevitável perceber, quando se analisa o comportamento do ser humano, que ele não se baseia unicamente em fatores individuais, uma vez que o indivíduo está em permanente contato com outras pessoas. Desta forma, apoiando-se nessa premissa, pode-se dizer que o processo de formação das práticas culturais de um indivíduo também pode dar-se de acordo com o contexto social no qual vive e com os grupos com os quais se relaciona.

Segundo GALLIANO (1981), um grupo é definido quando as pessoas mantêm uma relação de interdependência, ou seja, quando o comportamento de cada membro influencia no comportamento dos outros. Além disso, o grupo compartilha de uma ideologia, de um conjunto de crenças, normas e valores que estabelecem a conduta mútua entre seus membros, possuindo, neste sentido, interesses e atividades em comum. Enfim, os grupos se formam quando indivíduos compartilham do mesmo status e da mesma ideologia.

No ser humano existe forte tendência a seguir as “normas” que os grupos de referência ditam. Um indivíduo pode acabar adquirindo certas características e valores das pessoas com as quais se relaciona. Pierre LÉVY corrobora essa posição quando escreve que “a cada etapa de nossa trajetória social, a coletividade nos fornece línguas, sistemas de classificação, conceitos, analogias, metáforas, imagens, evitando que tenhamos que inventá-las” (1993:142). Desde seu nascimento, o ser humano, através de línguas, de máquinas, de sistemas de representação e de idéias, entra em contato com fatores que irão estruturar e “construir” sua experiência. Afinal, “todos se hacen y rehacen en la trama simbólica de las interpelaciones, de los reconocimientos. Todo sujeto está sujeto a otro y es a la vez sujeto para alguien. Es la dimensión viva de la sociedad atravesando y sosteniendo la institucional, la del “pacto social” (MARTÍN-BARBERO, 1997:53).

A partir da condição do ser humano de seguir o grupo e adaptar-se às suas práticas, o presente trabalho tenta aplicar essa realidade aos receptores. Ou melhor, pode-se dizer que a maneira como o indivíduo torna-se um receptor poderia relacionar-se com a vida coletiva. Contudo, ainda restaria compreender quais seriam

os grupos sociais que mais poderiam influenciar na sua “construção” como receptor. A família, por exemplo, pode ser o mais forte, pois a pessoa relaciona-se com este grupo grande parte de sua vida, absorvendo dele identidades e aprendendo com ele as coordenadas sociais. Conseqüentemente, o grupo familiar também deve exercer uma grande influência na formação das práticas culturais de uma pessoa. Ele é a unidade social onde se inicia a maior parte do consumo dos meios de comunicação, fazendo com que as pautas deste consumo – principalmente o de ver televisão –, se formem e se mantenham dentro dessas relações sociais, espaciais e temporais. Para completar, JACKS (1996) escreve que por ser o local e o contexto os geradores das primeiras apropriações com os conteúdos recebidos, é no âmbito familiar que se inicia o processo de recepção.

No entanto, o indivíduo não está inserido só no meio familiar: entram em cena outros grupos sociais com o qual ele se relaciona ao longo de sua vida. Assim, tem contato com outras realidades e outros contextos sociais que também poderiam influenciar nas suas práticas e comportamentos. Além disso, não só os grupos sociais participam neste processo. Existem também outros fatores de influências, como os próprios meios de comunicação. A televisão, por exemplo, pode ir “construindo” o receptor. A oferta cultural também pode fazer com que o indivíduo adquira novos hábitos, tão fortes quanto os relacionados com a criação familiar, pois como afirmam GUNTER e SVENNERIG, “*hoy la televisión es parte integral de la casa familiar (...) casi un miembro a más de la familia*” (*apud* SILVERSTONE, 1994: 64).

Estas influências e intervenções são chamadas por Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco de mediações. No entanto esses dois autores as estudam

considerando somente as práticas atuais do indivíduo. Ao contrário deles, as mediações no presente trabalho levam em conta a trajetória de vida do receptor e são resgatadas a partir da metodologia de História Oral, mais especificamente através da técnica de História de Vida de dois entrevistados. Já que a recepção não é somente o momento flagrado, mas sim uma seqüência de processos e influências que irão afetar o sujeito durante toda sua vida, a trajetória individual pode, de certa forma, influenciar na escolha de programação do receptor. Essa é uma técnica que possibilitaria estudar o receptor também a partir da narrativa do seu passado, tendo seu reflexo no presente. Nesse sentido, ela poderia ser utilizada no campo da recepção.

Assim, após perceber como o passado e a vivência de uma pessoa interferem no seu processo de recepção, o interesse do presente estudo seria saber de que forma os grupos sociais e a experiência individual influenciam na construção do receptor. Até que ponto a trajetória familiar influi na formação de gostos, de preferências, do consumo midiático, e, principalmente, na “construção” do receptor? Onde a trajetória individual, fruto da convivência com outros grupos sociais e outras realidades, entra nesse contexto? Será que a influência familiar acompanha sempre o receptor? Que outros dispositivos entram neste processo?

Mas antes de se fazer qualquer objeção quanto à utilização da História de Vida – freqüentemente utilizada no campo da antropologia, história, psicologia e sociologia – no estudo da recepção, deve-se ter em mente que a comunicação é uma área interdisciplinar e que pode abarcar e utilizar instrumentos de diversas áreas que possam contribuir para o seu entendimento. Além do mais, a História de Vida, “en

particular, se vincula con las propuestas desde la histografía, la etnografía, el análisis del discurso y la investigación participativa (...). El análisis de contenido. Los grupos de discusión y aún de la heurística y la encuesta” (LOZANO, 1998:207), que são técnicas comuns no campo da comunicação. A etnografia, para citar um exemplo de estratégias utilizadas para se estudar a comunicação, não é mais utilizada como era originalmente nos estudos antropológicos. Ela foi se adaptando às necessidades dos Estudos Culturais e Estudos de Recepção (MORLEY, 1996). Essa adaptação foi o resultado de uma antiga relação, pois a comunicação, inicialmente, foi estudada por antropólogos e sociólogos que queriam entender a complexidade do sistema social decorrente do desenvolvimento do sistema comunicativo. Atualmente, está comprovado que a comunicação emprega os métodos (instrumentos e conhecimentos) básicos de pesquisa utilizados nos demais campos das ciências humanas, podendo fazer uso da lingüística, antropologia, economia, sociologia etc. Complementando esta idéia, segundo MORAGAS, “las condiciones ideológicas de la investigación sobre comunicación de masas están, pues, doblemente arraigadas en la propia naturaleza de las ciencias sociales” (1985:12).

Além do mais, “o principal desafio que atravessa hoje os estudos latino-americanos de recepção está na tradução metodológica da teoria das mediações em projetos de investigação empírica” (IMMACOLATTA, 2000:120). Considerando esse desafio, o presente trabalho propõe uma alternativa metodológica para o estudo das mediações, utilizando-se somente de uma técnica qualitativa de pesquisa. Sendo assim, o objetivo principal do trabalho é resgatar, na trajetória de dois indivíduos, as mediações que entram nos seus processos de construção como receptores. Através

desta proposta e análise, mostrar como a técnica de História de Vida pode ser uma alternativa eficiente para a operacionalização do conceito de mediações proposto por Martín-Barbero. Entre os objetivos específicos, mostrar como as diferentes temporalidades sociais vividas pelo sujeito influenciam no seu processo de construção como receptor; resgatar a cotidianidade familiar, a fim de analisar como as práticas cotidianas foram sendo construídas ao longo da trajetória de vida do indivíduo; e verificar como se construiu a competência cultural dos entrevistados na sua construção enquanto receptor e como ela interfere na sua formação cultural e consumo midiático.

3 COMUNICAÇÃO E ESPAÇOS SÓCIO-CULTURAIS

Por muito tempo se negou à comunicação o estatuto de cultura (MARTÍN-BARBERO, 1993), impedindo, assim, uma abordagem sócio-cultural dos fenômenos comunicacionais. Atualmente, o cenário é outro. Graças aos trabalhos de teóricos, entre eles, latino-americanos, que pretendiam atentar para natureza comunicativa da cultura e para a natureza cultural da comunicação, a aproximação entre cultura e comunicação é evidente. Não se pode entender a comunicação fora de todo um conjunto onde estão inseridos os meios e as mensagens, os espaços sociais e culturais, onde opiniões, valores, idéias, enfim, comportamentos e preferências formam-se e modificam-se.

Anibal FORD (1994) escreveu em seu livro "*Navegaciones, comunicación, cultura y crisis*" que quando se fala nos meios, em seus gêneros, em suas formas de construção de sentido, em sua produção e em sua recepção, na segmentação, na demanda e oferta, nos seus usos e efeitos, não se pode isolá-los das transformações sócio-culturais e econômicas. O próprio desenvolvimento dos meios produz complexas transformações na cultura, nas formas de percepção e construção de sentido em uma sociedade.

“Telenovela e doméstica: da catarse ao distanciamento”, ele pesquisou empregadas domésticas provenientes do meio rural, buscando analisar seus comportamentos e formação de opiniões diante das telenovelas. O autor evidenciou que essa técnica pode se adequar na pesquisa de comunicação, pois é capaz de nos proporcionar grande quantidade de informação, bastando saber adaptá-la aos problemas de pesquisa.

Seguindo essa linha de raciocínio se poderia utilizar a História de Vida para realizar o estudo da recepção a partir da trajetória de um certo grupo de receptores — no presente estudo, de duas pessoas —, que viveram em um mesmo período histórico e social, flagrando, desta forma, as diversas transformações, tanto dos entrevistados, quanto da sociedade e dos próprios meios de comunicação.

Já que os meios de comunicação modificaram tantos hábitos, maneiras de pensar, relações sociais, tornando-se, de certa forma, um fenômeno, a História de Vida poderia ser uma técnica eficiente para verificar as mudanças ocorridas com a introdução dos meios de comunicação e evolução dos mesmos. O aproveitamento (exploração) da memória dos receptores dos mais variados meios (mais especificamente televisão e rádio) contribuiria para entender melhor as transformações ocorridas no processo de recepção, ou, até mesmo, explicar os porquês das práticas e preferências dos dois entrevistados, das que permanecem iguais e das que se modificaram.

3.1 Construção das mediações

Martín-Barbero acredita que a socialização não se dá apenas em função da família ou escola, pois a função mediadora é também atribuída aos meios de comunicação de massa. Como foi apontado no início do trabalho, parte-se da idéia de que a “construção” do receptor assemelha-se com sua formação como ser social. Em ambas, os diversos grupos e ofertas culturais e midiáticas atuam na formação dos valores e condutas comportamentais.

No seu livro, *“De los medios a las mediaciones”*, o autor em questão propõe um “mapa noturno” que serve para reconhecer as questões que dizem respeito à cultura e comunicação a partir das mediações e dos sujeitos. Segundo ele, é a partir das mediações que se poderia estudar os processos culturais e comunicacionais de uma sociedade. Ou, como ele próprio afirma, a partir dos “lugares de los que provienen las construcciones que delimitan e configuran la materialidad social y la expresividad cultural de la televisión” (MARTÍN-BARBERO, 1993:233). Para explicar melhor essa relação, ele utiliza a televisão como exemplo, uma vez que esse é um meio extremamente popular em toda a América Latina.

Mesmo não existindo uma definição única do termo mediação, pois “Martín-Barbero no há elaborado el concepto de mediación en términos más concretos” (OROZCO *apud* SIGNATES, 1998:41), mediações, de maneira ampla, poderiam ser definidas como as “articulaciones entre prácticas de comunicación y movimientos

sociales, las diferentes temporalidades y la pluralidad de matrices culturales” (MARTIN-BARBERO, 1993:224).

Mesmo assim, o que se pode considerar por mediações — a partir do livro *“De los medios a las mediaciones”* — são todos aqueles fatores e dispositivos que permeiam um processo, sejam eles políticos, sociais ou culturais, e que foram sendo construídos com a própria evolução desses mesmos processos. São elementos e fatos que ficam “entre acontecimentos” e que, muitas vezes, se juntam a estes, modificando a configuração dos significados. Ao considerar isso, o autor propõe, no final do livro, três grupos de mediações considerados os principais para captar as referências culturais e suas concretizações: a “cotidianidade familiar”, a “temporalidade social” e a “competência cultural”.

A primeira, como o próprio nome sugere, dá ênfase à família, pois, se a televisão na América Latina ainda tem a família como unidade básica de audiência, é porque ela representa para a maioria das pessoas a “situação primordial de reconhecimento”. Portanto, só se poderá entender esta relação (TV X família), a partir da reconstrução da cotidianeidade familiar, pois “la familia es uno de los espacios claves para de lectura y de codificación de la televisión” (FUENZALIDA *apud* MARTÍN-BARBERO, 1993:234). Não se pode entender o modo específico que a televisão emprega para interpelar a família sem interrogar sua cotidianeidade familiar. Ainda mais, utilizando-se de Durham, Martin-Barbero afirma que o âmbito familiar é um dos poucos espaços onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde irão encontrar possibilidades de manifestar suas ansiedades e frustrações. Essa relação, TV X família, pode estender-se para outros meios de comunicação. Nesse

sentido, a História de Vida dos entrevistados poderia mostrar como se dá este processo, ou seja, o tipo de contato que existe entre o receptor, os meios de comunicação e a família.

No âmbito da temporalidade social, Martín-Barbero inicia a construção desse conceito valendo-se do exemplo do folhetim. Escreve que, ao se realizar a análise do meio, é necessário considerar a mediação constituidora da leitura, ou seja, de uma leitura que as pessoas irão realizar a partir de suas vidas e dos movimentos sociais em que elas estão enredadas. A narração popular do folhetim viveu tanto da surpresa quanto da repetição e, assim, entre o tempo do ciclo e o tempo do progresso linear que a periodicidade do episódio e sua estrutura medeiam. Nesse sentido, a temporalidade social também remeteria a uma “reprodutibilidade técnica”, da qual fala Walter BENJAMIN (1969), pois se a televisão se utiliza da técnica e do cotidiano das pessoas (repetição), oferecendo ao público outras linguagens e mostrando outros lugares, é a partir deste aparelho que os receptores adquirem as mais diversas experiências culturais. Para completar essa idéia, as mudanças ocorridas nas condições de produção possibilitam e remetem à uma transformação dos modos de percepção e experiências sociais. Ou seja, não só se conheceriam outros lugares e linguagens, mas esta experiência faz com que o público modifique a percepção da realidade onde está inserido. Além disso, o tempo em que se organiza a programação televisiva contém formas de rentabilidades e cada programa remete a gêneros e tempos. A televisão, por exemplo, através de telenovelas ou de seriados, se utiliza da ritualidade dos espectadores, fazendo com que a técnica e a temporalidade articulem os tempos da televisão e do social. O gênero, neste sentido, permite que as

peças se reconheçam e que o tempo da televisão e o tempo social (dos indivíduos) se encontrem. A História de Vida permitiria a análise desse encontro considerando a trajetória de dois entrevistados, através do relato de suas preferências e impressões. Como o principal objetivo dessa técnica é o de captar a experiência dos indivíduos, ela permitiria mostrar como esse encontro (tempo da televisão, entre outros meios de comunicação, e tempo social) se dá e se deu no decorrer da vida dos receptores estudados.

O último aspecto para os estudos das mediações seria a competência cultural. A dinâmica cultural da televisão atua pelos gêneros e é a partir deles que a televisão vai ativar a competência cultural e a forma como as diferenças sociais irão atravessá-la. Ela está diretamente relacionada com o uso que é feito da televisão. A educação formal, as etnias, a classe social, as culturas regionais, os dialetos locais, o bairro configuram as modalidades de competências. Essas vivem da memória – narrativa, gestual, auditiva – e também dos imaginários que “atuam” e “alimentam” o sujeito social. O acesso a esses modos passa por uma aprendizagem da percepção, que permite explicitar e confrontar as diversas modalidades e competências por ela ativada, bem como pelos relatos das experiências destas aprendizagens. Possivelmente essa mediação pode ser a mais significativa para explicar a “construção” do indivíduo como receptor, uma vez que o contato entre os meios de comunicação, família e sujeito social não se restringe somente a essa relação, mas sim a de todo um grupo de influências que o receptor irá receber durante toda sua vida, sejam elas de origem coletivas ou de ordem individual. Neste sentido, o relato sobre a trajetória dos receptores poderia ser uma maneira capaz de captar essas

aprendizagens e, conseqüentemente, as mais diversas competências culturais envolvidas no processo de recepção. Com o auxílio das Histórias de Vida, a memória dos entrevistados seria resgatada para analisar como eles se “construíram” receptores. A memória é uma forma de “encontrar” o passado e de repetir atitudes e sentimentos dos quais raramente as pessoas se dão conta que podem influenciar no presente. Através dela, da memória, se realiza a construção e reconstrução da identidade do sujeito ao longo de sua vida. Além do mais, entrando novamente na questão do coletivo, a memória do indivíduo “depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994:54). Essa relação mostra a importância de todas as etapas e de todos os grupos envolvidos na vida de uma pessoa, ou ainda, como os mais diversos elementos e fatores, que fazem parte da vida do sujeito social, podem participar ativamente ou passivamente no processo de construção do receptor. Por fim, é notório em Martín-Barbero que, na construção do conceito de competência cultural, tenta retirar o Estudo da Recepção do espaço limitado por uma comunicação pensada em termos de mensagens que circulam e situá-lo no campo da cultura.

Depois de apresentar as três mediações, Martín-Barbero diz que o tempo familiar medeia e possibilita a comunicação entre o tempo histórico (mundo social) e o tempo da vida (individual). Ele explica essa situação utilizando-se de Hoggart, que diz que “los acontecimientos no son percibidos más que cuando afectan la vida del grupo familiar” (MARTÍN-BARBERO, 1993:245). Aqui, a História de Vida tem um papel fundamental para mostrar a importância da cotidianidade familiar e sua

repercussão na construção do receptor. Através dessa técnica se poderia saber a importância dos acontecimentos que afetaram a vida dos entrevistados, e em quais momentos a família teve seu papel de influenciar ou de fixar práticas, preferências, enfim, atitudes dos receptores.

3.1.1 Outras contribuições

Também podem ser incluídas na discussão sobre mediações as idéias de Guillermo OROZCO (1996), que utiliza concepções semelhantes às de Martín-Barbero, reconhecendo que o receptor não nasce, mas se faz. Ele procura não apenas definir o conceito de mediação, mas também uma forma de como avaliar suas possibilidades descritivas a fim de categorizá-la em seus múltiplos aspectos (SIGNATES, 1998). Neste sentido, Orozco propõe um modelo para o Estudo da Recepção, apontando a existência de vários conjuntos de influências que estruturam o processo de recepção e seus resultados, chamadas por ele de "*fontes de mediações*". Essas estão baseadas em elementos situacionais e contextuais, econômicos, políticos, culturais, sociais, sexuais, institucionais e de outros que também podem originar-se na mente do sujeito — em suas emoções e suas experiências —, e que se inserem nesse processo, podendo cada uma delas se constituir em fonte de mediação para outras mediações. Afinal, nem o receptor e nem o emissor estão vazios, muito pelo contrário, "su propia adscripción sociocultural determina tanto el tipo de mensajes como su apropiación" (OROZCO, 1991:23).

Essas mediações dividem-se, primeiramente, em função do tipo de relação que se estabelece com o meio: quando se considera a audiência em frente da televisão, trata-se das mediações videotecnológicas; quando a audiência encontra-se em frente a programação, das mediações cognitivas e situacionais; e quando a audiência está mais além da tela, se incluem as mediações institucionais e de referência. A partir dessas condições, ele explica como atuam cada uma das mediações e o conjunto delas.

Entre as mediações videotecnológicas inclui-se a própria televisão, pois, além de ser uma “instituição social”, ela também dispõe de recursos técnicos que fazem com que exista a naturalização da significação da realidade, a qual influi, conseqüentemente, em outra recepção. Esse aparelho provoca uma série de reações racionais e emotivas nas audiências que aumentam o seu poder de legitimação.

Ao colocar a audiência em frente ao televisor, essa não assume necessariamente o papel de receptor passivo, e sua atividade se desenvolve em diversos sentidos. Assim, “esta seqüencia arranca com la atención, pasa por la comprensión, la selección, la valoración de lo percibido, su almacenamiento e integración com informaciones anteriores y, finalmente, se realiza una apropiación y una producción de sentido” (OROZCO, 1991B:56). Nessa situação entra em cena a mediação cognitiva que, por exemplo, seria um conjunto de fatores que influenciam na recepção, processamento e apropriação de elementos/acontecimentos que estão diretamente relacionados com a aquisição de conhecimentos e que abarcam referências morais e emocionais do telespectador. Porém, o processo cognitivo, segundo o autor, está influenciado também pela cultura, já que “todo televidente es

producto y miembro de una cultura y que ella está presente en sus interacciones sociales y especialmente en su interacción con la televisión” (OROZCO, 1991:32). Além da mediação cognitiva, pode ser incluída a mediação situacional, cujo próprio nome justifica-se por si só. Ou seja, são situações nas quais a pessoa se encontra em frente à televisão: onde o aparelho se encontra, se ela está sozinha ou acompanhada, se está movimentando-se etc..

Quando Orozco fala da audiência mais além da tela, ele considera que a relação entre o receptor e a televisão começa antes de ligar o aparelho e não termina quando ele é apagado. Nesse sentido, as mediações de “referência” seriam as que dizem respeito às identidades do sujeito, ou seja, as que englobam o sexo, idade, etnia, nível de instrução, classe social, o lugar onde mora e sua procedência geográfica. Já nas mediações institucionais estariam incluídas todas as instituições sociais com as quais o sujeito se relaciona: trabalho, religião, escola, família etc.

Orozco descreve as mediações que entram no jogo da recepção e mostra o processo complexo que se desenvolve a partir da relação emissor-receptor. Aqui, o processo de recepção televisiva não se restringe ao instante, mas sim a diferentes momentos e cenários que irão mostrar a relevância das mediações no processo de recepção. Com a afirmação de Orozco, a História de Vida, dessa forma, poderia proporcionar o estudo das diferentes etapas de vida do receptor. Entretanto, seria considerada não só a visão dos entrevistados, uma vez que são eles que escolhem a maneira de como contar sua trajetória de receptor, mas incluiria também a ótica do pesquisador, já que é ele que recolhe e analisa a informação.

Todas as mediações de que fala Orozco vão ter maior ou menor intensidade dependendo da situação em que o receptor se encontra. Assim, a produção de sentido que as audiências realizam depende da combinação das diferentes mediações que entram em jogo no processo de recepção.

Martin-Barbero não chegou a elaborar um modelo metodológico para analisar as mediações, contudo, Guillermo Orozco, após realizar vários estudos empíricos, atingiu esse objetivo. Ainda assim, foram pesquisas que não deram muita ênfase às trajetórias dos receptores. No presente trabalho, a História de Vida é utilizada para captar e analisar as mediações – tanto do sujeito como do contexto social em que esse se enquadra – que entram no processo de recepção e de “construção” do receptor ao longo de sua vida.

Através do presente estudo, pode-se resgatar em que situações e que as mediações atuaram com maior relevância na “construção” do receptor e, conseqüentemente, quais são as que mais pesam nas atividades culturais/cotidianas desses indivíduos. Em direção similar, Maria Immacolata V. LOPES (1999) realizou um estudo¹ sobre recepção da telenovela e se propôs a estudar quatro mediações:

“cotidiano familiar (onde ocorrem os usos, consumo e práticas relacionados com a telenovela), subjetividade (que reelabora os conteúdos simbólicos da telenovela), gênero ficcional (como estratégia de comunicação e de reconhecimento cultural) e videotécnica (da televisão enquanto modo de produção e dispositivos técnicos de teledramaturgia)” (LOPES, 2000:127).

¹ Trata-se de um trabalho multidisciplinar que se utiliza de uma estratégia multimetodológica dentro do estudo de recepção. O projeto de pesquisa chama-se “A recepção de telenovela - uma exploração metodológica” e se utiliza de um pacote metodológico de dez métodos e técnicas de pesquisa: História de Vida [1], questionário de consumo [2], observação etnográfica [3], entrevistas individuais semi-estruturadas (do cotidiano [4], da subjetividade [5], do gênero [6], da videotécnica [7] e da produção [8]), história de vida cultural [9] grupo de discussão [10].

O objetivo da pesquisadora foi o de mostrar como operam essas mediações no processo de recepção de telenovela. Em seu estudo foi mostrado que as mediações do cotidiano de cada sujeito pesquisado marcaram significativamente suas leituras acerca da telenovela. Esse resultado nos fornece indícios de como a História de Vida influencia o processo de recepção e a “construção” das mediações.

O presente estudo segue o mesmo princípio que o de Lopes, ou seja, trata-se de um esforço para explorar metodologicamente a Teoria da Mediações propostas por Martín-Barbero. No entanto, é utilizada aqui uma só técnica, por entender que é complexa o suficiente para identificar as mediações que constituem os receptores em questão.

Sendo assim, a História de Vida pode tornar-se uma alternativa eficiente para realizar esse tipo de estudo. O processo de recepção é um fenômeno complexo e extrapola o ato de ver televisão, sendo mediado por inúmeros agentes e situações. Torna-se um fator de produção de sentido por parte dos receptores a partir de seus próprios referenciais. Essa técnica poderia captar, de forma clara, a construção e a evolução desse processo, considerando toda sua temporalidade e localidade, pois, como afirma OROZCO (1994), nem as mensagens e nem os receptores brotam espontaneamente, eles estão influenciados por toda uma realidade e a origem de toda essa relação está em suas trajetórias e não apenas no presente.

3.2 Recepção e História de Vida

Relacionar História de Vida e recepção não é uma tarefa difícil, pelo contrário. Se na Teoria da Recepção busca-se resgatar o sujeito do processo de comunicação (antes considerado passivo) — tentando explicar os espaços de produção, interpretação e negociação incessante de sentidos —, na História de Vida o que se procura é a explicitação e análise da trajetória de vida de uma pessoa em função de um determinado tema, que poderia, inclusive, ser o próprio Estudo da Recepção. Assim, essa técnica poderia tornar-se uma alternativa a mais para explicar como o sujeito-receptor vive no espaço comunicacional e cultural, e como ele interpreta e (re)negocia a oferta midiática. Um exemplo desse tipo de trabalho é o realizado por Arim do BEM (1988), já citado anteriormente, embora não no âmbito da Teoria das Mediações. Essa aproximação pode tornar-se ainda mais complexa dentro do campo de estudo das mediações.

Outros dois trabalhos podem ser incluídos no tipo de pesquisa que utiliza a História Oral como metodologia para o estudo da recepção. O primeiro foi o realizado por Nilda JACKS² (1998) que, através da técnica de História de Família, analisou três gerações de quatro famílias pertencentes a etnias diferentes (italiana, alemã, judia e negra). O intuito foi o de descrever como as identidades étnicas e regionais passaram de uma geração a outra, sob a influência, ou não, dos meios de comunicação presentes em cada época. O segundo, a Dissertação de Mestrado “Os

² Em uma pesquisa integrada pelo Núcleo de Pesquisa em Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul entre os anos de 1996 e 1998.

sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular”, de Jairo Ângelo GRISA (1999), utilizou a técnica de História de Vida para realizar o estudo sobre a audiência de rádio popular sediada em Porto Alegre. A partir da trajetória de um grupo de mulheres, buscou compreender a relação entre este meio de comunicação, o comunicador popular e as ouvintes.

A perspectiva do receptor no campo da comunicação tem sido usada por autores de diversas áreas do conhecimento, que buscam evidenciar a tendência cultural desse processo através do equilíbrio entre a comunicação e a interação social. Martín-Barbero e Néstor Garcia Canclini inauguraram a importância da aproximação entre comunicação e cultura, utilizando a perspectiva gramsciana. Estes dois autores são os precursores de várias correntes latino-americanas que investigam atualmente a audiência e a recepção, entre elas as pesquisas realizadas por Jorge González e Guillermo Orozco.

O receptor, nessa perspectiva, deixa de ser considerado um mero consumidor de supérfluos culturais ou produtos massificados apenas por estar exposto aos meios, resgatando-se nele, também, um espaço de produção cultural. Partindo dessa idéia, pode-se afirmar que os indivíduos são constituídos por diversas características e aspectos que interagem no sentido de aceitação, ou não, do discurso dos meios, caracterizando a recepção como um processo mais complexo do que se pode supor. Nesse sentido, a História de Vida poderia ser utilizada para verificar as mediações que interferiram no processo de construção do receptor. Ela permitiria determinar as mudanças de hábitos e preferências das pessoas estudadas. Através dessa técnica se poderia captar como diferentes camadas sociais, diferentes grupos, homens e

mulheres das mais diversas faixas-etárias estão vivendo as mudanças ocorridas ao longo dos anos, sem deixar de lado as normas e os valores através dos quais as estão enfrentando.

A História de Vida nos forneceria argumentos, dados, informações que poderiam explicar muitas reações. Ela poderia, por exemplo, mostrar como eram os telespectadores de trinta anos atrás e verificar se suas práticas e seus hábitos atuais continuam os mesmos, ou se modificaram. Poderia, ainda, analisar quais os fatos na vida dessas pessoas que estão ligados a sua condição de receptores.

Através da História de Vida, se descobriria, a partir do estudo do passado, de uma trajetória específica — com influências sociais e culturais —, como o sujeito moldou-se como receptor, uma vez que suas práticas e gostos irão diferenciá-lo de outros indivíduos ou de si mesmo em épocas distintas. Os fatores de influências que entram no processo da recepção — que seriam as mediações —, podem definir-se, como já foi citado, conforme a História de Vida de cada indivíduo. Por essa razão, a utilização da técnica poderia ser adequada e eficiente para resgatar traços que indiquem mudanças relacionadas com os hábitos de uma pessoa e suas preferências.

Para por em prática a presente pesquisa, foi necessário considerar a perspectiva de MARTIN-BARBERO (1993), propondo que o estudo da comunicação seja realizado fora dos eixos dos meios, ou melhor, que a análise deve ser efetuada a partir das práticas de comunicação realizadas nos movimentos sociais, que, segundo ele, é onde se articula a cultura popular. Neste sentido, o autor realiza o deslocamento do conceito de comunicação para o de cultura. Esta última entendida

como os modos de percepção, aquisição de conhecimento, sistemas narrativos, códigos de valores de produção simbólica da realidade, sem esquecer da pluralidade cultural e dos diversos modos de concretização ligados às questões étnicas, sexuais, etárias, religiosas, etc. (JACKS, 1996).

No livro já citado anteriormente, "*De los medios a las mediaciones*", Martín-Barbero historiciza as mediações, explicando quais são os mediadores mais importantes que atuam nos processos culturais e sociais. Na presente pesquisa trabalha-se também com as mediações que atuaram na vida de duas pessoas — que são apresentadas a seguir —, contribuindo, assim, na formação delas como sujeitos-receptores, ou seja, como elas foram sendo construídas durante sua longa trajetória como receptores de rádio e de televisão.

MARTÍN-BARBERO (1993) baseia-se nas idéias de Morin para dizer que a verdadeira mediação, a função de meio, é a que cumpre o dia-a-dia na cultura de massa: a comunicação do real com o imaginário. A História de Vida indicaria com maior ênfase essa relação, mostrando como a biografia das pessoas estudadas também está relacionada com sua vida de receptor. A partir dessa técnica, se poderia resolver também um dos pontos frágeis e criticados dos Estudos de Recepção, que com o auxílio de algumas outras técnicas — com exceção da etnografia — flagraram somente o momento da recepção, desconsiderando, em sua grande maioria, o longo processo de construção do receptor.

4 HISTÓRIA ORAL

Da Idade Média até o advento do gravador, a utilização de relatos e/ou depoimentos para a reconstrução de acontecimentos e fatos passados não eram tão incomuns. Contudo, a partir do século XX, a tradição oral sofreu grandes preconceitos, devido a forte pressão exercida pelo positivismo que teve seu apogeu entre as décadas de 30 e 40, alastrando-se até os anos 60. Tal como escreve Moss, a História Oral é antiga na preservação de fontes pessoais para preencher lacunas dos documentos escritos e, na verdade,

“o que é novo é a gravação magnética, usadas em larga escala para capturar exatos relatos literais³ (...). Novo também, talvez, é o uso freqüente desta técnica para gravar não apenas lembranças do passado, mas as reflexões daqueles cujas vidas estão ainda comprometidas com atividades públicas” (MOSS *apud* HAGUETTE, 1987: 81).

Com a insatisfação dos pesquisadores com métodos quantitativos para se estudar os fenômenos das sociedades e com o advento do gravador e das fitas cassetes, a História Oral começou a tomar um novo rumo e a se

³ A coleta de depoimentos pessoais mediante a utilização de gravador iniciou-se na década de 40 com o jornalista Allan Nevins. O trabalho realizado por Nevins, o qual acabou construindo o *Columbia Oral History Office*, serviu de modelo para organismos criados nos anos 50 em bibliotecas e arquivos nos Estados Unidos (FERREIRA, 1994).

firmar como potencial de estudo dos eventos sociais. Com a possibilidade de registro, os relatos dos entrevistados teriam um suporte físico e ficariam “congelados”, não sofrendo influência do pesquisador na hora de serem armazenados — por exemplo, esquecimento de algum aspecto importante — e podendo, inclusive, serem utilizados em qualquer tempo. Essa nova perspectiva fez com que sua utilização se desenvolvesse principalmente nos Estados Unidos, a partir do final dos anos 60. A guerra do Vietnã e as lutas pelos direitos civis travadas pelas minorias, foram os responsáveis pela valorização dessa metodologia. Durante esse período, existia um grande interesse de dar voz aos “excluídos” — imigrantes, mulheres, negros, etc.—, recuperando a trajetória de grupos dominados e, assim, tirar do esquecimento o que a História oficial havia sufocado durante tanto tempo. A idéia da História Oral de dar voz aos discriminados e oprimidos expandiu-se para outros países. Na Europa, principalmente na Inglaterra, essa guinada no uso dos relatos orais não se diferenciou muito da dos norte-americanos, tanto que foram criadas, no início da década de 70, duas revistas sobre o assunto, *Oral History* e *Oral History Society*. Além destas duas edições, uma das principais obras elaborada durante esse período, “*The voice of the past*” (1978), escrita pelo pesquisador inglês Paul Thompson, radicalizou que a função da História Oral era desenvolver a História do Povo e mostrar a História verdadeira (FERREIRA, 1994). Assim, a História Oral não seria constituída só de relatos de líderes, mas também de integrantes da população que vivenciaram os processos históricos a partir de outra realidade. Na França, mesmo que a passos lentos, também foram produzidos os primeiros trabalhos sobre História Oral, entre os quais Daniel Bertaux contribuiu com estudos realizados sobre a Mobilidade Social daquele país.

Em um sentido amplo, a História Oral — metodologia voltada para o estudo do tempo presente e baseada na voz de testemunhos — procura recuperar a memória de uma pessoa e saber como ocorreram as mudanças. Através dela, por exemplo, recobre-se uma grande quantidade de relatos que são colhidos por meio de entrevistas das mais variadas formas. Essa metodologia pode captar a experiência efetiva dos narradores — tradições, mitos, crenças etc. —, não de um só indivíduo, mas também de diversas pessoas de uma mesma coletividade. Essas narrativas orais são como fragmentos: algumas vezes com nexos, mas que também podem ser desconexos; uma hora opacos, outras, coloridos. “Na verdade, tudo que se narra oralmente é história, seja história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica” (QUEIROZ, 1988: 19).

Com essa metodologia, o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado poderia ser ampliado com experiências e versões particulares de indivíduos que viveram em um certo período histórico. Alguns pesquisadores recomendam que este espaço de tempo seja de no máximo 50 anos, para que não ocorram distorções muito drásticas com relação a certos acontecimentos. Porém, essa margem de tempo pode variar dependendo do assunto que se quer abordar e as condições em que o entrevistado se encontra. Por exemplo, no caso do estudo da recepção do rádio este período é extremamente válido, pois mesmo que ele tenha sido inventado há mais de 50 anos⁴, sua introdução no Brasil foi lenta. Devido ao

⁴ A primeira transmissão radiofônica (oficial) no Brasil aconteceu em setembro de 1922. No ano seguinte o rádio iniciava sua trajetória no País, com a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. A História do rádio em Porto Alegre iniciou em 1927, com a inauguração da Rádio Gaúcha (REIS, 1995; DILLENBURG, 1990)

custo elevado do aparelho, ele acabou tornando-se um produto popular só a partir do final da década de 50⁵, quando começou a tornar-se mais acessível às camadas mais baixas da população. No caso da televisão⁶, esse processo também foi o mesmo, pois demorou mais de 20 anos para que ela se tornasse mais acessível economicamente, o que veio acontecer só nos anos 70.

Como toda metodologia, a História Oral, pressupõe, antes de mais nada, a existência de um programa de reconstrução histórica sobre algum tema específico e o conteúdo pode variar dependendo da necessidade daqueles que a utilizam. “Um historiador pode estar interessado em recuperar certo período contemporâneo; um cientista político, na caracterização de elites políticas, empresarias ou populares; (...) um jornalista, na descrição de um terremoto.” (HAGUETTE, 1987: 80).

Dentro do quadro amplo da História Oral, a História de Vida constitui uma técnica, ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente, entre elas estão os Relatos Orais⁷ e Depoimentos Orais⁸.

⁵ Juarez Brandão Lopes observa que nos anos 40 e 50 a teia de comunicação por rádio era bastante fraca em grande parte do território nacional (ORTIZ, 1995:47)

⁶ Em 1950 a TV surge no Brasil com a inauguração do canal 3 (TV TUPI). (MATTOS, 1990)

⁷ “Os Relatos Orais são uma forma menos ampla e livre do que a História de Vida, quando é solicitado ao narrador que aborde de modo mais especial determinados aspectos ou fases de sua vida, embora dando a ele liberdade total de expressão” (LANG, CAMPOS, DEMARTINI, 1998:12)

⁸ Nos Depoimentos Orais os narradores irão falar de um período claramente estabelecido, e o pesquisador, através das falas, busca obter dados informativos e factuais, assim, como testemunho do entrevistado sobre sua vivência e participação em determinadas situações e/ou instituições que se quer estudar (LANG, CAMPOS, DEMARTINI, 1998)

4.1 História de Vida

Os primeiros a utilizarem a História Oral, mais precisamente a técnica de História de Vida, foram Thomas e Znaniecki. Desde o século XIX imigrantes europeus estavam chegando em grandes quantidades aos Estados Unidos. A partir desse fenômeno social, esses dois pesquisadores, na década de 20, começaram um estudo a fim de esclarecer questões ligadas à integração de imigrantes europeus, querendo conhecer as mudanças ocasionadas na sociedade de chegada e realizar a construção do processo das mutações culturais.

A introdução dessa técnica na América Latina deu-se depois da Segunda Guerra, quando entidades internacionais e pesquisadores tiveram a necessidade de conhecer melhor os problemas específicos das populações e dos países emergentes. Neste sentido, os esses dois exemplos não foram somente uma recuperação do passado, mas tinham a pretensão de entender problemas e fenômenos contemporâneo, tal qual a recepção dos meios pode ser inserida.

A partir dos anos 70, a História de Vida⁹ começa a tornar-se parte de uma técnica mais ampla de pesquisa chamada de método biográfico. Nele, o pesquisador — que participou de todo o processo de reconstrução histórica do

⁹ Orientado, agora, por uma filosofia bachelardiana, a qual substitui o pensamento positivista anterior. Esta nova visão sugere que o pesquisador deve continuar a construção do objetivo científico, pois nas Histórias de Vida existe a presença de relações básicas e complexas que dizem respeito às categorias da sociedade, ou seja, dos grupo e dos indivíduos.

sujeito — reconstrói, reorganiza e desenvolve, com sua perspectiva, os dados coletados. A partir dessa mudança de visão, a História de Vida começa a ser utilizada não só para escolher casos ou indivíduos exemplares, mas também para “reconstruir uma dinâmica, a trajetória de grupos ou organizações massacrados por determinado nível de tensão e, conseqüentemente, a duração descontínua da face interna da vida experimentada pelos indivíduos” (MARRÉ, 1991: 92).

A História de Vida, além de explorar a memória e captar a experiência dos atores, tem mais um fator importante, que é a *percepção do tempo social* (GALINDO CÁCERES, 1995). Isto significa que o estudo não se limita somente ao passado, uma vez que “la historia no es algo que haya sucedido más o menos tiempo, sino una realidad presente que se sigue alimentando cotidianamente y que se dispersa en el tiempo preparando lo que aún no sabemos que vá a ocurrir: la historia de hoy se teje para el futuro que viene” (MARINAS, SANTAMARINA, 1993:10). De maneira geral, essa *percepção do tempo social* poderia ser definida como lembranças do passado, vivências do presente e visões do futuro, mesmo que a oralidade do entrevistado, em um primeiro momento, esteja associada à memória. Esta última, por sua vez, segundo FERREIRA, pode ser uma construção do passado, “mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados á luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (1994:08).

A despeito das diferentes definições que têm merecido no espaço de discussão, a História de Vida é vista sempre como um relato de um narrador que tem servido a diferentes interesses (MALDI, 1994). Seria, por sua vez, uma narrativa sobre a existência de um indivíduo através do tempo, que conta

livremente sua vida. Ele tenta reconstruir os acontecimentos que vivencia e transmitir a experiência que adquire, imprimindo ao relato suas próprias categorias. Conseqüentemente, o próprio entrevistado seleciona o que quer relatar. A História de Vida que se obtém também é a construção que o informante faz da vida que levara e as fórmulas que utiliza para definir o que lhe acontece (DEBERT, 1984). Desta forma, os entrevistados podem refletir sobre suas práticas cotidianas, que estejam relacionadas — ou não — com os meios de comunicação. Podem, também, falar sobre como era sua vida e no que sua trajetória pode estar relacionada como as práticas culturais atuais. Como afirma DROTNER, “the past is always interpreted and understood within the perspective of the present” (1998:01).

4.2 A questão da subjetividade e representatividade da utilização da História de Vida

A subjetividade pode ser um dos empecilhos para a utilização da História de Vida na pesquisa em comunicação. Porém, outros processos utilizados para o estudo das mensagens ou da recepção, tais como etnografia, análise do discurso, entrevistas, análise de conteúdo etc., contém, igualmente, a questão da subjetividade em suas “veias”. Entretanto, na própria Ciência Social também ocorreram reconsiderações sobre as práticas convencionais de fazer ciência. A utilização da História de Vida, como outras técnicas qualitativas, teve que enfrentar durante décadas uma influência

de investigação empírica, que negava a relevância e validade deste tipo de evidência. A inclinação, entre as décadas de 30 e 60, era desenvolver projetos que medissem, contabilizassem e quantificassem todos os aspectos da vida social.

Mesmo não tendo sido abandonada completamente, a História de Vida não possuía valor científico, pois grande parte da “matéria prima” do pesquisador era o relato, a narração, a memória e a experiência do ator social. Esses fatores eram considerados, na época, subjetivos e de difícil validade científica. Desvalorizava-se o papel do indivíduo, das conjunturas, dos aspectos culturais, enfim, das vidas. “Alegava-se também que os depoimentos pessoais não podiam ser considerados representativos de uma época ou de um grupo, pois a experiência individual expressava uma visão particular que não permitia generalizações” (FERREIRA, 1994:03).

Com o início da utilização e a valorização dos métodos qualitativos, a História Oral e de Vida começaram a tomar um novo rumo. Essa mudança de pensamento deu-se, principalmente, pelas críticas que se faziam aos paradigmas dominantes (da filosofia positivista) e pelo desenvolvimento de extensas e profundas crises sociais que abalavam o final dos anos 60. Com a guinada dos métodos qualitativos de pesquisa, alguns pesquisadores chegaram a considerar essas técnicas relativamente novas. No entanto, a História Oral e de Vida fizeram seu reaparecimento entre as formas de coleta de material empregadas pelos cientistas sociais com tanto sucesso que, por muitos, foram encaradas como as únicas técnicas válidas para se contraporem às técnicas quantitativas.

Segundo Queiroz, percebeu-se que os valores e emoções ainda permaneciam escondidos nos dados estatísticos, estando ligados à maneira de pensar e sentir do investigador, portanto, ligados à sua subjetividade. Na verdade, como aponta ALBERTI,

“o trabalho do cientista, contudo, é também um ato de criação, do qual participa o subjetivismo. A objetividade, então, acaba por condicionar-se à competência, à sensibilidade e à honestidade do pesquisador na crítica interna e externa dos documentos que elegeu e na determinação do peso (ou valor) de cada um deles no corpo de seu trabalho” (1990: 06).

De uma forma ou de outra, como “todo elemento objetivo de la vida social es producto de la subjetividad social, y a su vez la subjetividad social es fruto de la impresión en ella de la objetividad” (GALINDO CÁCERES, 1997: 228), não se pode desvalorizar dados qualitativos, pois o que se absorve do social é refletido e reelaborado pelos sujeitos. A História de Vida, neste sentido, abre um novo panorama de compreensão para analisar aquilo que recentemente era considerado “subjetivo” e que, na realidade, teria ou poderia ter um fundo extremamente objetivo. Para completar, pode ser incluído nessa perspectiva o pensamento de Franco FERRAROTI (*apud* BERTAUX, 1993), expondo que, devido a natureza da realidade social, quanto mais subjetivo for o conhecimento sociológico, mais profundo e objetivo ele resulta. Afinal, a representação que o sujeito faz de si mesmo e do ambiente é o que dá sentido ao social.

Além do mais, se anteriormente a ciência era calcada num ideal de neutralidade, distância e objetividade, sempre tentando dissimular a interferência da subjetividade do pesquisador e do pesquisado sobre os dados obtidos —

desconsiderando experiências, percepções, significações etc. —, atualmente a visão é outra. Com a valorização do individual, “sujeito e objeto, antes rigorosamente separados, agora adquirem a forma de um *continuum*” (SILVEIRA, 1998:52).

Com a utilização da História de Vida na comunicação, mais especificamente no campo da recepção, a subjetividade imersa nessa técnica não deve ser vista como um traço negativo ou um empecilho para sua utilização. Na perspectiva de Maria Immacolata Lopes, o campo da recepção é visto como “integrante das práticas culturais que articulam processos tantos subjetivos como objetivos, tanto micros (ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macros (estrutura social que escapa a esse controle)” (LOPES, 1993:85).

Ainda mais, segundo Jacques MARRÉ, “a subjetividade não é um entrave quando suficientemente desvendada, isto é, quando os hieróglifos do seu conteúdo são decifrados. Ela pode conduzir-nos a temas que são comuns a vários, a experiência vividas de um modo semelhante” (1991:99). As Histórias de Vida, mesmo sendo relatos subjetivos, revelam valores comuns, mostram a experiência vivida por uma pessoa ou um grupo. Trazem à tona determinados fatos, instantes e momentos que são cruciais e construtivos em um certo período histórico ou determinada sociedade, sendo importantes para a realização de uma trajetória e entendimento do presente

Seguindo a mesma linha, pode ser acrescentado o pensamento de GALINDO CÁCERES, quando afirma que o individual pode ser considerado como uma projeção do geral ao particular: “são formações que implicam e expressam a

sociedade e as culturas mais gerais” (1994: 205). Por essa razão é que a História de Vida tem tanta significação, pois ela é central na aproximação ao sócio-cultural. Além do mais, toda experiência permite alcançar os mecanismos que as contêm. Esse é um momento decisivo da análise, uma vez que o discurso do ator — com sua individualidade e especificidade — é decomposto, reagrupado e interpretado, e pode, ainda, diluir-se na trama social que integra o conjunto de atores.

Para QUEIROZ (1988), é também através das Histórias de Vida que se atinge a coletividade, pois o informante é um representante dela. Assim, um pesquisador ao utilizar essa técnica busca “atingir a coletividade de que seu informante faz parte, e o encara, pois, como mero representante da mesma através da qual se revelam os traços desta” (1988:24).

A História de Vida, na medida em que utiliza a experiência do ator de maneira longitudinal, tenta encontrar padrões universais de relações humanas e percepções individuais. Além disso, capta também as interpretações sobre a origem e funcionamento dos fenômenos de recepção através das articulações temporais fornecida pelas entrevistas. A questão da representatividade nada tem a ver com a sua validade, pois para o História Oral ou de Vida, o que interessa é

“conocer y comprender la dinámica propia de los grupos y las sociedades humanas; y, como parte de una disciplina científica, le interesan los hechos y los acontecimiento sociales em que intervienen instituciones asi como individuos en determinados procesos económicos, políticos y simbolicos-culturales. Le interesa producir conocimiento y no ser sólo un canal de exposición de testimonios orales” (LOZANO, 1998: 217).

É preciso entender, também, que para se trabalhar com a História de Vida é necessário que a postura reflexiva seja utilizada, pois, quando se trabalha com a

lembrança e a memória, a reflexão, tanto a do entrevistado quanto a do investigador, entra em ação. GALINDO CÁCERES escreve que “la reflexión es un amplio campo de la percepción alerta, de la conciencia que se comunica com el interior y el exterior al mismo tiempo” (1997: 85). Ele acrescenta que aprender do interior é o caminho para o conhecimento exterior, e o que aparece nas atitudes e idéias de um indivíduo tem um forte significado externo, porque é a forma como ele encara a realidade vivida.

4.3 A memória dos receptores

No momento em que se tenta buscar com a História de Vida conhecer o passado através do testemunho de pessoas que nele viveram, é necessário recorrer à memória do narrador. No momento que se utilizam entrevistas para um determinado estudo, o que se recolhe são memórias individuais ou coletivas, e a questão seria saber como se pode interpretar esse material.

Inevitavelmente, o presente trabalho tem como suporte a fala e a memória de dois receptores, Gildo e Janeta . Então, a princípio, deve-se levar em consideração o que CERTEAU (1996) escreve. Para ele, a memória não possui uma organização já pronta de antemão que lhe sirva de encaixe. Ela vai surgir a partir de imagens que

são desencadeadas no conjunto de representações que povoam nossa “consciência atual”, ou seja, tem que se contar com o caráter seletivo da memória. Além disso, para o autor, “a memória, no sentido antigo do termo, designa uma presença à pluralidade dos tempos e não se limita, por conseguinte, ao passado” (1996: 157). Essa idéia coincide com a afirmação de GALINDO CÁCERES (1997) que fala que a História de Vida não se limita somente aos relatos do passado, e sim às vivências do presente e visões do futuro.

Conforme GIDDENS (1995), a linguagem e a memória são manifestações muito próximas, estando intrinsecamente conectadas tanto na rememoração individual quanto na institucionalização da experiência coletiva. Para o autor, “memória nada mais pode ser senão um modo de descrever a cognoscitividade de agentes humanos” (1989:36).

A memória muitas vezes é descrita como capacidade de lembrar o passado, no entanto, essas definições contêm diferentes significados, os quais podem ser denominados por diferentes termos. Segundo Myriam SANTOS (1993), por exemplo, a memória pode ser entendida como a capacidade de recitar um poema de cor, beber um copo d’água, seguir um trajeto diário sem tropeços ou, ainda, recordar fatos vivenciados no passado e aprender através deles. Já para Moss, a memória não é só um reservatório de dados, onde o conteúdo pode ser esvaziado e consultado à vontade. Ela está ligada e integrada ao presente — com atitudes, perspectivas e compressões que mudam constantemente —, trabalhando e retrabalhando os dados da experiência em reformulações, opiniões e, talvez, até novas criações (MOSS *apud* HAGUETTE, 1987).

Muitos foram os autores que, de diversas maneiras, estudaram a memória. Um autor que inaugurou a idéia de memória enquanto fenômeno social foi Maurice HALBWACHS (1990). Ele investigou não exatamente a memória em si, mas os quadros sociais da memória. Desta forma, o presente autor faz a seguinte colocação:

“Para que a nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou noções comuns que se encontram em nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aqueles e reciprocamente, o que é só possível se fizeram e continuaram a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim poderemos compreender que uma lembrança pode ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída” (1990: 34).

Além do mais, para Halbwachs, a linguagem é o instrumento socializador da memória, cujas convenções verbais produzidas socialmente representariam o quadro mais elementar e mais estável da memória coletiva. Neste sentido, a memória da pessoa estaria amarrada com a de um grupo, distinguindo-se da do outro pela maior complexidade das condições necessárias para que seja lembrada. Porém, isso seria somente uma diferença de grau, mesmo que ela pareça puramente pessoal.

Além disso, para lembrar de fatos vividos o sujeito é levado a reconstruir o passado com os olhos e valores de hoje, o que se soma as experiências de vida do narrador. Assim, “o documento criado pela recuperação da memória é um documento do presente, sendo contudo uma reconstrução de fatos passados” (LANG, CAMPOS, DEMARTINI, 1998:14).

Segundo GALINDO CÁCERES (1999), as diferentes expressões das lembranças são manifestadas no presente e o passado fica configurado em algum elemento ou fato que impressionou a percepção. O diálogo entre o presente e o passado irá configurar as primeiras representações, todas elas versões e visões daquilo que aconteceu. A condição da memória de retrabalhar o passado pode ser fixa ou móvel, pois essa relação depende das percepções e representações que o indivíduo realiza. Entretanto, as representações daquilo que se viveu, não podem ser vistas como um traço negativo para a realização da História de Vida. Não se trata de trabalhar apenas com um depoimento cronológico e estático, mas de obter riquezas de sentimentos, opiniões e atitudes do narrador. A falta de veracidade em relação a certos acontecimentos pode fornecer dados importantes, desvendando o que os entrevistados pensam, sentem e fazem com relação ao que lhes ocorre. Pois,

“se trata de aprovechar la potencialidad de la textualización de lo vivido para completarlo, visualizarlo y ordenarlo. La guía deste trabajo puede muy bien organizarse alrededor de la tecnología de la Historia de Vida o de la Historia Oral. (...) De todo eso se configura un programa metodológico reflexivo discursivo que permite armar una versión individual y colectiva de lo vivido, es decir, construir una representación grupal-colectiva de la vivencia conformada en experiencia” (GALINDO CÁCERES, 1999:16)

Seguindo essa linha de raciocínio, de que a memória pode compreender, num sentido mais amplo, reminiscências através das quais o passado e suas representações são encontradas; apoiando-se nas afirmativas de que para o idoso o tempo passado está mais presente em sua memória; e que suas narrativas são constituídas num longo e minucioso processo associativo, permeadas de informações paralelas e com uma constante atividade de avaliação em que o “agora” é comparado com o “antes” (MARCUSCHI, 1991), a memória, resgatadas através das

Histórias de Vida, poderia expor e analisar a trajetória de Gildo e Janeta como receptores. Então, apoiando-se na memória dos entrevistados, a utilização da História de Vida possibilita o resgate das mediações que influenciaram na “construção” do indivíduo como receptor.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo partiu de entrevistas que fizeram parte da pesquisa “TV, família e identidade”, coordenada pela Prof^a. Dr^a. Nilda Jacks, realizada pelo Núcleo de Pesquisa em Mídia do Cone Sul — do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul —, entre os anos de 1996 e 1997. O aproveitamento de tal material justifica-se pela inserção da pesquisadora na equipe, cuja tarefa foi o de realizar entrevistas com uma das famílias estudadas e de escrever a História de Família.

A construção das Histórias de Vida seguiram as três etapas da perspectiva metodológica proposta por GALINDO CÁCERES (1997). Cada fase possui uma subdivisão específica: a primeira etapa foi a *exploratória* e nela se realizou o trabalho prévio, ou seja, foram as primeiras entrevistas realizadas para conhecer o entrevistado. O primeiro contato realizado foi o mais importante, pois a partir dele que se definiu os seguintes. A empatia entre pesquisador e pesquisados teve que ser recíproca, pois a partir dela foi possível a realização das demais entrevistas.

A segunda, foi a *descritiva*, na qual tanto o pesquisador quanto os entrevistados analisaram as falas, as situações passadas e presentes, aprofundando ainda mais o assunto desejado, ou melhor, o tema da pesquisa. Nesta fase, o

pesquisador realizou anotações sobre assuntos que tinham que ser abordados nas entrevistas seguintes. A última etapa, o da *significação*, foi onde o material coletado começou a ter um significado, fazendo com que as respostas aos problemas da pesquisa aparecessem. Nela, a construção das mediações começou a se configurar e a mostrar indicativos de como o sujeito social se torna receptor.

É fundamental lembrar que em todas as fases realizadas o entrevistado é o ponto mais importante nessa relação. O que ele tem para “ensinar” deve ser levado em consideração ao longo de toda a investigação e na própria aprendizagem do investigador. Não se pode negar a dificuldade encontrada para conquistar a confiança dos entrevistados, para isso um ponto importante foi o de deixar claro que seus nomes verdadeiros seriam preservados. Antes de mais nada foi necessário conversar sobre a pesquisa e fazer uma apresentação prévia do trabalho que seria realizado. Explicou-se o projeto e mostrou-se a importância da colaboração dos entrevistados, fazendo com que eles se sentissem mais entusiasmados em participar. A forma de conquistar a confiança do entrevistado dependeu também da sensibilidade do pesquisador, pois ele elegeu certas “regras gerais” de conduta, ou seja, a melhor postura que se deve ter em campo. Essa forma de agir mudou de um entrevistado para outro, conforme os parâmetros que os participantes da pesquisa indicaram. O trabalho realizado pelo pesquisador-pesquisado deve ser encarado como uma parceria, onde existe um trabalho mútuo e que despende de um grande esforço de ambas as partes.

O trabalho também foi facilitado porque os entrevistados foram indicados por pessoas conhecidas, fazendo com que os pesquisadores fossem introduzidos na família, não como completos desconhecidos¹⁰.

Todas as etapas da pesquisa foram registradas em um diário de campo, pois tanto as narrativas “cheias de palavras” quanto os silêncios são de extrema importância. Por essa razão, foi necessário anotar no diário, após cada sessão, todos os detalhes percebidos pelo pesquisador no seu contato com o entrevistado, uma vez que qualquer insatisfação, emocionalidade ou outro aspecto mais relevante devem ser levados em consideração. No diário se encontra todo o processo emocional vivido pelo pesquisador e, também, impressões sobre emoções captadas do entrevistado que posteriormente ajudaram na análise e compreensão das atitudes dos mesmos. Seria necessário salientar que em nenhum momento se tratou de avaliar o estado psicológico ou realizar análises sobre a personalidade das pessoas envolvidas, mas os diários ajudaram a entender melhor as entrevistas e a relação mantida entre os pesquisadores e os entrevistados.

As entrevistas na pesquisa “TV, família e identidade”, foram realizadas visando reconstruir a História de Vida e de Família de Gildo e Janeta. Esse fator fez com que eles se interessassem em ajudar com o maior número de informações possíveis, já que também havia o interesse de resgatar a história familiar em no

¹⁰ Com relação a Gildo, foi sentida uma hostilidade por parte de sua esposa, fazendo com que o pesquisador se sentisse “invadindo” a casa da família. Depois de uma conversa franca com Gildo e com sua esposa, as portas novamente foram abertas e não ocorreram mais restrições quanto à pesquisa.

mínimo três gerações. Neste sentido, as entrevistas analisadas para o presente trabalho foram de extrema riqueza, não sendo preciso realizar pesquisas posteriores.

Como o objetivo desta pesquisa foi saber que elementos entram no processo de “construção” do receptor, a amostra foi constituída por duas pessoas, Gildo e Janeta, que possuem 70 e 86 anos, respectivamente. Essa escolha foi determinante para explorar a técnica de História de Vida, uma vez que elas vivenciaram, de maneira bastante intensa, tanto os “anos dourados do rádio” quanto os da televisão. Além disso, possuem uma longa trajetória que possivelmente influenciou as práticas atuais, sendo que essas dificilmente poderão sofrer novas influências devido à idade elevada dos entrevistados.

A escolha dessa faixa etária justifica-se porque as pessoas mais velhas já possuem uma trajetória de receptor mais longa e possuem um estilo de vida mais estabilizado. Elas presenciaram a introdução e desenvolvimento do rádio e da televisão. Desta maneira, pode-se analisar a longa trajetória desses indivíduos e realizar as comparações necessárias, contrapondo as práticas culturais do passado com as do presente, já que segundo Kirsten DROTNER, “memory and the mass media are intimately connected for the simple reason that the media can retain event and experiences across time and place - and hence may help retrieve these events and experiences at a later date and other places” (1998: 05).

Em geral as pessoas dessa faixa etária têm uma facilidade maior de contar histórias do passado e, segundo Dino PRETTI (1991), essa condição explica-se porque existe um destino educativo no seu papel social. Elas viram mais

acontecimentos do que os jovens, passaram por diversas mudanças da sociedade e, conseqüentemente, entendem melhor seu funcionamento (NADEL, 1955). Assim, suas preferências e práticas culturais também podem estar mais definidas.

Na lembrança de pessoas com idade mais avançada verifica-se uma história social mais desenvolvida e clara, pois já atravessaram determinados tipos de sociedades, diferentes tempos e espaços sociais com características bem marcadas e conhecidas para elas. Essas pessoas viveram também quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis e “sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta” (BOSI, 1994: 63).

Desta forma, a memória dos entrevistados serviu de suporte para explicar preferências e gostos, tanto os relacionados com os meios de comunicação quanto suas práticas culturais em geral. A partir de suas Histórias de Vida pode-se analisar o consumo midiático do passado e do presente, mostrando como foi a trajetória dos entrevistados, pois como Mário de Andrade afirma, “o passado não é para se reproduzir, mas uma lição para se meditar”.

5.1 Procedimentos técnicos

Como já foi apontado, realizou-se as Histórias de Vida de Gildo e Janeta, a partir de entrevistas realizadas no Núcleo de Pesquisa em Mídia do Cone Sul. A coleta de material foi realizada por dois membros da pesquisa, entre eles a pesquisadora Yhevelin Guerin, entre setembro de 1996 e dezembro de 1997, totalizando 19 entrevistas.

Com Gildo foram realizadas 13 entrevistas e com Janeta seis. A diferença no número de visita dependeu basicamente das condições do entrevistado, tanto físicas quanto emocionais. Além disso, a própria história deles determinou o número de entrevistas na narração de suas trajetórias.

Algumas entrevistas foram realizadas seguindo a indicativa de que não podem ser feitas de maneira intensiva — longas entrevistas para esgotar rapidamente o assunto —, “porque os detalhes se perdem e o cansaço do pesquisador e do informante deformam o relato” (QUEIROZ, 1983:166). Os pesquisadores tentaram aproveitar ao máximo a vontade dos entrevistados de conversarem, e a duração das sessões dependeu basicamente dessa relação.

Durante as entrevistas, os pesquisadores tentaram intervir o menos possível nas narrativas, o único que eles faziam era auxiliar o narrador na rememoração dos eventos ou aprofundar melhor fatos que foram ditos espontaneamente.

Também em alguns encontros utilizou-se o recurso chamado pela socióloga Olga Van Simons de “muletas da memória”¹¹. Se trataram de fotografias, documentos e papéis pessoais que ajudaram na rememoração de fatos passado. No entanto, em nenhum momento, pode ser esquecido que a memória do entrevistado está conectada com o presente e com sua imaginação, sendo assim, tal como LUCENA (1999) compreendendo, o que é lembrado não são exatamente as representações do passado, porque são adaptadas as interpretações atuais, ajustadas às atuais identidades.

5.1.1 Construção das narrativas

Na construção das narrativas não se tratou apenas de estabelecer uma seqüência cronológica dos fatos, mas se procurou também reconstruir durações emocionais e afetivas. Ou melhor, acontecimentos e reflexões – tanto dos entrevistados quanto do pesquisador –, que puderam estar relacionadas com o que se quis estudar, ou seja, a “construção” dos receptores. O pesquisador reconstruiu a interação do entrevistado com os meios de comunicação, na tentativa de encontrar e destacar todos os acontecimentos que estivessem relacionados com suas práticas culturais e a influência das mídias. Classificando e ordenando as narrativas, o presente estudo reconstruiu, através das transcrições das entrevistas e das respectivas Histórias de Vida, o maior número de elementos — conflitos, mudanças tanto de

¹¹Minicursos sobre a Introdução à utilização da metodologia da História Oral na pesquisa em Ciências Sociais durante a 51ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em julho de 1999.

valores quanto de enunciados — que entraram no processo de “construção” não só do ser social, mas também do receptor.

Considera-se aqui, construção das narrativas todo o processo de análise das entrevistas, uma vez que se levou em consideração não só a história cronológica, mas também todos os elementos que fazem com que a “construção do receptor” se concretize.

Para a escrita das Histórias propriamente dita, optou-se por uma narrativa cronológica. Neste sentido, foi necessário organizar as entrevistas e os tópicos que seriam descritos nas histórias de Gildo e Janeta. Após a escrita, voltou-se novamente às entrevistas para verificar fatos que poderiam ajudar no esclarecimento de alguns eventos vividos. Já que em alguns casos o tema poderia ter sido tratado de maneira “caricatural”, algumas falas dos entrevistados foram modificadas para adaptar-se à linha de escrita acadêmica, retirando vícios de linguagem ou erros mais significativos ditos pelos entrevistados.

Depois da escritura das histórias, em certos momentos, voltou-se novamente às entrevistas, a fim de resgatar diálogos que evidenciassem as mediações — temporalidade social, cotidianidade familiar e competência cultural — que influenciaram na “construção” de Gildo e Janeta como receptores. Identificou-se, também, momentos em suas vidas que remetessem à mudanças significativas, ou seja, eventos que mostrassem como eles foram configurando sua formação cultural e consumo midiático. Nesse sentido, realizou-se um mapeamento das mediações que

atuaram na vida dos entrevistados, no intuito de verificar quais os fatores de influências mais presente na vida dessas pessoas.

6 TRAJETÓRIA DOS RECEPTORES

6.1 A vida de Janeta

Janeta nasceu em Plotnize, na Rússia, em dezembro de 1914. É a filha menor de Ida e Jaime. Seu irmão mais velho, Miguel, nasceu em fevereiro de 1912. Não chegou a conhecer o pai, Jaime, que faleceu quando ela tinha um ano e dois meses, decorrência de uma pneumonia contraída em uma viagem de navio.

No ano anterior ao seu falecimento, aos 33 anos de idade, o pai de Janeta veio ao Brasil a chamado de Gregório, o irmão mais velho, que havia emigrado em 1911. Jaime achou o lugar, Quatro Irmãos-RS, atrasado e recusou-se a ficar e trazer a família. No entanto, Jaime não sabia que depois de alguns anos seus filhos e sua esposa estariam emigrando para esse lugar.

A família de Janeta vivia em Plotnize, uma pequena vila russa, sem água e sem luz, que abrigava cerca de 200 famílias judias, dedicadas principalmente às atividades de sapateiro, alfaiate, carpinteiro e ferreiro. O poço da vila era coletivo e Janeta lembra que, quando tinha por volta de cinco anos, ficava esperando que alguém aparecesse para que ela pudesse pegar uma caneca de água.

Janeta nasceu durante a Primeira Guerra Mundial, fato que expôs a comunidade onde morava a várias atrocidades. Um grupo de bandidos, por exemplo, entrou na pequena comunidade de Plotnize e matou 40 judeus em uma semana. Já desde o final do século XIX crescia o anti-semitismo na Rússia, transformando-se em violência organizada contra judeus, negros e ciganos. Naquela época, os que pertenciam a essas etnias eram proibidos de possuir terras, exercer trabalho agrícola e agroindustrial e de frequentar a universidade. Viviam na pobreza, enfrentando o desemprego, as doenças e movimentos de violência, como os “pogroms”. Nestas ocasiões, os judeus eram atacados, roubados, suas casas destruídas e, muitas vezes, mortos. Ela lembra do dia em que quando esses bandidos bateram na janela da casa onde ela morava com sua mãe e irmão. Com medo a família fugiu para o mato, não tendo tempo de pegar nada. Ficaram escondidos durante uma noite inteira, passaram muito frio, tanto que, como conta Janeta, seu “*vestidinho*” congelou e sua mãe pegou o lenço que estava em sua cabeça e o colocou em sua filha como “*um aventalzinho prá não ficar peladinha*”.

Foi então que depois da guerra, a *Joint*, uma instituição de caridade com sede em Nova York, mandou roupas e alimentação para muitas vilas que tinham sido atingidas pelos saqueadores, entre elas, a que Janeta morava. Depois daquela noite, com a destruição da casa, ela e a família acabaram indo para Pinsk, uma vila maior próxima de Plotnize onde moravam alguns parentes. Nessa vila, Janeta e sua família tiveram que ficar durante alguns meses na casa da avó paterna.

Apesar das dificuldades econômicas e sociais, o nível educacional e cultural da família era alto devido à existência de escolas talmúdicas¹² de turno integral, onde as crianças ingressavam aos cinco anos. Entretanto, Janeta e o irmão não freqüentaram o mesmo colégio, pois sua mãe, Ida, não tinha condições de manter os dois filhos na instituição. Para resolver o problema, Ida alugou um quarto para um professor, que em troca do aluguel dava aulas particulares para Janeta. Com muita dificuldade Janeta e o irmão concluíram o primário em Plotnize. Mas desde pequenos, ainda sem saberem ler, em sua casa se discutia trechos sobre a Bíblia. Segundo Janeta, a educação para o povo judeu é o mais importante antes de qualquer outra coisa.

A importância dada ao ensino não se refere apenas à educação formal, mas sim à cultura em geral, principalmente à judaica. A cultura é um grande valor no povo judeu que cultivava muito o hábito da leitura. Janeta lia muito e, até os 11 anos de idade, lia exclusivamente livros judaicos. Essa preferência foi modificada depois de chegar ao Brasil, pois além dos livros que estava acostumada, começou a ler jornais, literatura em geral e livros de História. Janeta teve uma infância bem marcada, pois desde cedo aprendeu a realizar os trabalhos domésticos, que sempre os fazia depois dos estudos.

Como sua mãe trabalhava fora, fazendo todo tipo de atividade, entre elas o comércio. Janeta tinha que cuidar do irmão e arrumar toda a casa. Ela ajudava sua mãe inclusive nas vendas de miudezas (por exemplo, querosene, sabão, pentes, agulha, dedal, linha). Mesmo que a mãe trabalhasse, a crise econômica da família

¹² Estas escolas estudam o Talmud, a Bíblia judaica.

era grande e durante um período a família de Janeta chegou a passar fome, tendo dias que não tinha o que comer, pois o que sua mãe ganhava não era o suficiente para sustentar a todos. Ela se lembra, *“com amor e carinho, além de grande tristeza”*, de um dia quando sua mãe chegou do trabalho só com um pedaço de pão e um ovo. O pouco que sua mãe trouxe repartiu entre os filhos, mas ficou sem comer naquele dia. Hoje, ela relembra como a mãe conseguiu sobreviver, pois *“comia menos que um passarinho”*.

Pelas dificuldades sociais e econômicas, em 1925, Janeta, sua mãe e seu irmão partem para o Brasil, que na época estava abrigando grande número de imigrantes. Os dois tio de Janeta, Gregório e Miguel, irmãos de sua mãe, encontrava-se nesse país desde 1911 e mandaram buscar os demais parentes.

Sem admitir recusa, Gregório alegou para a irmã que era melhor passar trabalho junto com a família, do que passar trabalho sozinha em um lugar onde os judeus era massacrados e praticamente não tinham chances de prosperarem. Gregório e Miguel pagaram as passagens para a irmã e sobrinhos, responsabilizando-se por eles, pois não era fácil obter o visto para vir ao Brasil. Naquele tempo, eles tiveram que demonstrar que moravam na colônia de Quatro Irmão, que trabalhavam e tinham como sustentar seus parentes.

Quando Janeta e a família vieram para o Brasil, trouxeram tudo o que tinham: castiçais, enfeites, roupa de cama, travesseiros e objetos da casa, menos os móveis.

A viagem de Janeta e sua família da Rússia até o Brasil foi feita de barco a vapor. Embora Janeta tivesse apenas dez anos, ela lembra com detalhes os dois meses e meio que levou para chegar a Quatro Irmãos. De Plotnize foram para Varsóvia de trem. Em Varsóvia ficaram uma semana e depois, também de trem, foram para a França e foi lá que pegaram o navio que os levaria para o Rio de Janeiro. Na cabine que Janeta dormia no navio, haviam cerca de dez pessoas. Com exceção dos familiares, ela não conhecia os demais colegas de quarto, sabia apenas que eram imigrantes e que, como ela, tentariam a sorte em outro lugar.

Janeta comenta que depois de sair da França o navio foi para a Dakar, na África do Sul. Depois de Dakar, o navio saiu direto para o Rio de Janeiro. Essa Jornada durou seis semanas. Ela achou a cidade bonita, mas como todos estavam muito cansados e sem dinheiro, tiveram que ficar a maior parte do tempo descansando. Depois de três dias, Janeta e sua família tomaram o trem que os traria para o Rio Grande do Sul. Muitos foram do Rio de Janeiro até Rio Grande de navio, mas a mãe de Janeta passou muito mal na viagem da França para o Brasil, e pediu para irem de trem até o sul do país. Em Marcelino Ramos, tiveram que passar mais uma semana, pois não existia linha de trem diário que os levassem até Erebangó, cidade que ficava a 15 Km da Colônia de Quatro Irmãos.

Quando Janeta, junto com sua família, chegou em Erebangó, conheceu o primo Moisés, filho de Gregório, que viria se tornar anos mais tarde seu marido. Na época, ele tinha 16 anos e já era professor na comunidade, ganhando razoavelmente bem em comparação com outras pessoas de sua idade.

Janeta lembra que sua mãe levou um choque ao chegar à colônia de Quatro Irmãos, pois além do lugar lhe parecer atrasado, as mulheres não trabalhavam fora, apenas ajudavam no trabalho da lavoura e realizavam o serviço caseiro. Somente depois de duas semanas ela concordou em desfazer as malas e estabelecer-se definitivamente na colônia.

Não só sua mãe notara o atraso do local, mas Janeta também estranhou bastante. Por exemplo, o colégio ficava a três quilômetros e no percurso muitas vezes vacas e bois atacavam e machucavam quem passasse por perto. Por essa razão, Janeta e o irmão tinham medo de ir para o colégio, pois tinham que enfrentar os animais que encontravam pelo caminho.

Apesar do atraso da colônia de Quatro Irmãos, a segurança e a tranquilidade lá encontradas superavam os problemas gerados pela precariedade da região e das próprias acomodações. O Brasil representava para Janeta e sua família, bem como para qualquer imigrante israelita, *“um paraíso do sossego”*, livre dos atentados e guerras e de quaisquer outras ameaças, pois *“os brasileiros eram gente muito boa e muito hospitaleira, diferente do povo na Rússia.”*

Com a mudança de país, de clima e de costumes, a família de Janeta se empenhou em manter as tradições judaicas, enquanto as russas, que não eram tão fortes quanto as primeiras, parecem ter sido esquecidas. Segundo Janeta, da Rússia sobrou somente tristeza, pois o povo judeu tinha sido muito mal tratado naquele país. Ela comenta que não sente vontade de voltar e nem de conhecer a Alemanha devido

à perseguição e atrocidades que fizeram aos judeus, e que *“em terras alemãs existe o sangue de seu povo”*.

A maior das dificuldades encontradas quando a família de Janeta e outros imigrantes judeus chegaram ao Brasil, foi lidar com a terra, da qual os colonos deveriam tirar seu sustento. Esta dificuldade explica-se pelo fato de que na Rússia era proibido que os judeus trabalhassem na terra, sendo assim, eles só vieram a aprender aos poucos com os brasileiros. Porém, existiam um outro fator, o idioma, que impedia que o aprendizado fosse mais rápido, mas pela persistência e obstinação dos colonos judeus, muitas famílias conseguiram ascender socialmente. Janeta também atribui o sucesso adquirido por algumas famílias, entre elas sua, ao nível cultural e intelectual dos imigrantes israelitas.

Mesmo que as tarefas agrícolas dessem muito trabalho às famílias de imigrantes, o excesso dessas nunca fez com que os pais tirassem seus filhos da escola para que esses os ajudassem nos serviços diários. Janeta estudava em dois turnos, pela manhã e pela tarde, entrava às 8 horas e saíam às 17 horas. Só ajudavam em alguma coisa fora do horário do estudo, que eram *“sagrados”*. Diferente do tempo da colheita, quando a escola cancelava as aulas, que eram recuperadas em um outro dia, para que as crianças pudessem ajudar os pais nas plantações.

Janeta e seu irmão Miguel já tinham o primário, cursado na Rússia, mas desconheciam por completo o português, tendo que repetir alguns anos de escola para aprender a língua da nova terra antes de entrarem para o ginásio. Mesmo sendo

uma colônia judaica, na escola ensinava-se o português, uma vez que os próprios colonos sentiam necessidade em “abrasileirarem-se” o mais rápido possível.

Em 1927, Janeta e seu irmão foram para Passo Fundo, por conta de tio Miguel, estudar no Instituto de Educação. Em seguida Janeta teve de retornar à colônia, pois saía muito caro para o tio manter os dois irmãos em outra cidade. Ela recorda que seu irmão ficou em um internato, mas naquele tempo não existia internato para mulheres.

Segundo Janeta, ela era uma criança que tinha assumido muitas responsabilidades, acompanhando sempre sua mãe. Ela estudava, sua mãe era dona de casa e o tio Miguel trabalhava com madeiras, mas como a situação econômica no País estava abalada, conseqüentemente, os negócios de seu tio, que era comprar e vender, também iam mal.

Janeta contou que “*o supermercado da família era a horta*” e tentavam viver basicamente daquilo que eles mesmos obtinham através da terra ou dos animais que criavam.

Conforme Janeta, a vida social dos imigrantes era bastante tradicional, principalmente no que se refere às comemorações e rituais religiosos. O sábado, por exemplo, é considerado o dia santo para os judeus e onde realizam o *Sabath*¹³.

¹³ O descanso do sábado, dia que deve ser dedicado integralmente aos estudos religiosos, significava não poder realizar tarefa alguma, inclusive, não cozinhar.

Os jovens, especialmente, tinham suas atividades programadas para o sábado. Além de brincar, era comum que eles se reunissem para discutirem trechos do Talmud e de outros livros judaicos.

Apesar de habitarem casas muito simples e desprovidas de maior conforto, a comunidade de imigrantes ali instalada preocupou-se, logo no início, em construir uma Sinagoga, o que é primordial na religião judaica. Quando Janeta chegou em Quatro Irmãos, a cidade já possuía uma Sinagoga. Os transportes, embora simples, supriam as necessidades dos moradores da colônia. Quatro Irmãos tinha sua própria estação de trem, que não ficava longe da casa de Janeta.

Como o lugar onde Janeta vivia não possuía cinemas e sua família não tinha rádio, ela aproveitou sua juventude de um modo, pode-se dizer, “culturalizado”. Frequentava aos sábados a biblioteca da colônia, onde um grupo de jovens se reunia para debater os livros, mediante a supervisão de uma pessoa mais velha, que assessorava nas discussões. Além dessa atividade de lazer, Janeta reunia-se com amigos para passear, jogar pingue-pongue, cantar, dançar e ir aos bailes de sábado à noite. Ela também participava de uma orquestra de jovens que se apresentava também aos sábados pela tarde, ela tocava bandolim. O resto da semana era dedicado ao estudo e trabalho.

Quando Janeta tinha 14 anos, começou a namorar um rapaz, Rafael. Depois de cinco anos, cansada de esperar por uma decisão mais séria por parte do namorado e tendo ouvido a opinião da família sobre o rapaz — de que ele não gostava de trabalhar —, Janeta acabou com o namoro. Nessa época, o seu primo Moisés,

que conhecera quando chegou em Erebango, lhe fazia galanteios cada vez que ia à colônia.

Moysés parecia decidido em conquistar o coração de Janeta. Sempre que ia à Quatro Irmãos, mesmo que a trabalho, ele encontrava um jeito de ir visitar a prima. Com o término do namoro, Janeta e Moysés começaram a conversar mais e ele sempre lhe falava de seu amor. Em uma de suas visitas Moysés pede Janeta em casamento. Diante da proposta do primo, que lhe prometia uma vida muito mais estável e segura, Janeta aceita o noivado.

No dia três de março de 1934, aos 20 anos de idade, sem qualquer restrição em relação ao parentesco, Janeta casa-se com o primo, indo morar em Chalé, um vilarejo próximo a Quatro Irmãos. A cerimônia, embora simples, teve todos os rituais de um legítimo casamento judaico. Ainda que adaptados à comida brasileira, nos dias de festa a família sempre procurou decorar a mesa com os pratos típicos da culinária judaica.

Em 1935, o tio de Janeta, Miguel, preocupado com a permanência da sobrinha “no mato”, resolveu abrir uma loja de roupas masculinas para o jovem casal em Santa Maria. A loja, onde Janeta atendia junto com o marido, chamava-se Casa Moysés. A iniciativa, entretanto, não foi satisfatória, ficaram lá apenas até o nascimento da primeira filha do casal, Clara, o que aconteceu no mesmo ano.

Na volta para Quatro Irmãos, o marido da Janeta associou-se com Miguel, para a comércio de madeira e compraram uma serraria. Janeta ajudava o marido providenciando o material encomendado pelos compradores e contratando

trabalhadores. Dois anos após o regresso a Quatro Irmãos, o casal comprou o primeiro carro da família, um Ford 29, que foi também um dos primeiros automóveis da cidade. No mesmo ano, Janeta teve seu segundo filho, Daniel, nascido em junho de 1937. A terceira filha do casal, Guilhermina, nasceu em janeiro de 1939.

Algum tempo depois, em uma viagem para São Paulo, Janeta foi pela primeira vez ao cinema. Segundo ela, era mais fácil ir até São Paulo, pois mesmo sendo mais distante que Porto Alegre, era mais confortável viajar de trem. Em Quatro Irmãos não tinha cinema e a cidade mais perto que possuía cinema, Passo Fundo, era de difícil acesso e ficava longe.

Cinco anos mais tarde de conhecer a tela de cinema, Janeta adquire seu primeiro rádio, que segundo ela, foi comprado de um advogado de Erechim. Alguns vizinhos já possuíam este meio de comunicação, mas sua família não costumava ir na casa deles, como outros o faziam, para participar da audiência coletiva. Como estavam no período da Segunda Guerra Mundial, a compra do rádio representava para a família um novo meio de informação, pois o jornal chegava com muito atraso na colônia.

Em 1948, o marido de Janeta não via mais sentido na permanência em Quatro Irmãos, pois as serrarias e depósitos poderiam ser controlados através de viagens constantes. Assim, Janeta, sua filha e seu marido mudam-se para Porto Alegre, onde os filhos mais velhos e o primo Assis, irmão mais moço do marido, já residiam. A partir de então, Janeta começa a frequentar mais o cinema e o teatro,

atividades que acabaram tornando-se rotina semanal do casal, só interrompida com a morte do marido

Em Porto Alegre, o marido de Janeta abre uma imobiliária e começa construir um prédio na rua Ramiro Barcelos. Com o fim da obra, em 1957, Moysés vendeu todos os apartamentos, ficando apenas com dois, um de cinco quartos, no qual foi morar com Janeta, os dois filhos menores e a sogra, e outro que deu para sua filha Clara.

Morando agora em uma cidade maior, Janeta sentiu dificuldades na adaptação, pois estava acostumada a vida da colônia, muito diferente da atual. Ela nunca tinha comprado verduras, ovos ou leite, pois tinha sua própria criação de animais. Além disso, também achava tudo muito distante na cidade. Para dificultar ainda mais sua adaptação, seu marido começou a trabalhar em Bom Jesus, passando a maior parte do tempo lá. Ela sentia falta do companheiro. Na época, ela não tinha telefone e nem carro, fazendo com que se isolasse. Só depois de dez anos que o marido de Janeta pára com as freqüentes viagens.

Muito tempo depois de se mudarem para o novo apartamento foi adquirida a primeira televisão da família, segundo Janeta, em meados da década de 60. Ela disse que esse aparelho sempre ficou em segundo plano, pois em primeiro lugar vinham os estudos e as conversas familiares.

Os negócios da família melhoravam a cada dia. No entanto, sem nenhum motivo aparente, já que, segundo Janeta, não haviam problemas financeiros e nem de saúde, no dia seis de setembro de 1975, dia do Ano Novo judaico, o marido de

Janeta suicida-se com um tiro na cabeça em seu escritório. Desde esse episódio, Janeta foi somente uma vez ao cinema, para levar o neto. Para ela é muito difícil sair sozinha, principalmente ir aos lugares que ela e o marido costumavam frequentar.

Janeta mora na capital há quase 50 anos e ainda conserva os rituais judaicos e tenta preservá-los ao máximo. Entre essas práticas, inclui-se a dos sábados, o dia santo de seus antepassados, a Páscoa e a comemoração do ano novo judaico. Pela idade avançada, ela dificilmente vai a Sinagoga, mas tenta sempre ir no “Dia de Perdão”. Para fugir do inverno, ela vai freqüentemente para Israel, lugar onde possui muitos amigos e alguns parentes.

Mesmo com o casamento dos filhos e a morte da mãe, do tio e do marido, Janeta até hoje continua no apartamento da Ramiro Barcelos. Agora mora apenas com uma moça, que a ajuda nas tarefas domésticas e vai embora nos finais de semana. Morar com um dos filhos é uma hipótese na qual Janeta nem pensa. Ela gosta de ter seu próprio espaço e de ter a visita dos filhos diariamente.

Janeta não pensa em mudar-se, alegando que lá estão as memórias de mais de quarenta anos de sua vida. Que a parte da história de sua vida, os tempos felizes e também os tristes, foram vividos no apartamento que mora atualmente. Em cada canto da casa se encontram as lembranças maiores de sua vida e que, agora, são as que lhe fazem companhia.

6.2 A Vida de Gildo

Gildo nasceu no mês de abril de 1930 em uma fazenda situada em Taquarimbó, Município de Lavras do Sul, Estado do Rio Grande do Sul. Não teve uma infância fácil, pois sua família era pobre e descendentes de escravos. Para piorar a situação, seu pai era viciado em jogos de carta e abandonou a família quando ele tinha recém oito anos de idade. Os dois irmãos mais velhos, Adelino e Djalmo, também foram embora quando atingiram a maturidade, ficando ele, duas irmãs, Maria e Hizalda, o irmão mais moço Hirvandil, e sua mãe Carlota, completamente desamparados.

Gildo lembra que até os seus sete anos, quando vivia em Taquarimbó, sempre acompanhava seu pai, José Maria, em seus afazeres da fazenda onde viviam como empregados. Enquanto seu pai ocupava-se com seus trabalhos (construção de cercas, transporte de gado, tosa das ovelhas, plantação e colheita), Gildo fazia a comida dos trabalhadores. Quando os serviços da fazenda acabavam, José Maria ia procurar emprego em outras estâncias. Além disso, também fazia carvão e tijolos, pois trabalhava como jornaleiro — na época, nome dado àqueles que faziam de tudo um pouco nos campos.

Depois de Taquarimbó, lugar onde todos os irmãos de Gildo nasceram, a família mudou-se para Três Estradas e lá, com a venda de alguns animais, arrendaram um terreno. Seu pai estava procurando emprego e fugindo do vício do jogo — era um jogador compulsivo e passava três ou quatro dias sem aparecer em

casa ou sem dar notícias —, mas a crise na época era grande e não se conseguia emprego nos campos.

Apesar da mudança de cidade e mesmo sem ter muitos conhecidos, o pai de Gildo continuou jogando, o que fez com que a família perdesse alguns dos poucos bens que possuíam e *“ai a vida foi se tornando difícil”*. Como seu pai não conseguiu empregar-se, a família mudou-se novamente, mas agora rumo a uma cidade maior, Bagé, onde poderia haver mais possibilidades de trabalho. Com a esperança de uma melhoria de vida, a família de Gildo acabou seguindo a tendência da época, que era o deslocamento massivo de populações do campo para as cidades, porque começava a ocorrer um grande desenvolvimento da indústria no País.

O pai de Gildo convenceu a família de que indo para uma cidade maior existiriam mais chances de conseguir um emprego. Além disso, novamente com bons propósitos, prometera à esposa que colocaria os filhos no colégio, mas não foi o que aconteceu. José Maria somente sabia trabalhar no campo e na cidade não haviam opções de emprego para ele, então, segundo Gildo, *“ele começou a viver só de jogo, e lá em Bagé tinha os grandes jogadores com dinheiro e ele não tinha”*. Com a falta de dinheiro, Adelino e Djalmo, os irmãos mais velhos de Gildo, tiveram que trabalhar para se sustentarem e com a falta de renda, o pai começou também a cobrar dos filhos o pouco que ganhavam para continuar jogando.

Algum tempo depois, devido a inúmeras brigas familiares e aos problemas econômicos, seu pai acabou abandonando sua mãe quando a maioria dos irmãos de Gildo tinha entre oito e quinze anos. Depois de muito tempo, ficaram sabendo do

paradeiro do pai, que tinha ido para Rio Grande trabalhar em um frigorífico. Se antes não era fácil, a partir dessa mudança, a infância de Gildo e seus irmãos tornou-se muito mais difícil.

Devido às dificuldades financeiras da família, Gildo, ainda muito criança começou a trabalhar para ajudar na economia doméstica, “*era um dos menores e era o mais responsável*”. A crise havia tomado conta da família. Não tendo mais condições de pagar o aluguel, ficaram sem ter onde morar e acabaram indo para os fundos da casa do seu tio Gercy, que era militar e possuía mais condições financeiras que a irmã Carlota, mãe de Gildo. Durante essa época, Gildo, começou a trabalhar em uma pensão da cidade, carregando tambós de leite. Depois passou para a entrega de viandas. Nesse serviço, ele ficava todo o dia fora e voltava para casa só no início da madrugada com restos de comida que havia sobrado das viandas do dia que terminava. Segundo ele, essa era uma oportunidade de poder levar comida para os irmãos menores, “*que esperavam com muita fome*” a chegada do irmão.

Quando tinha dez anos, Gildo foi trabalhar no maior café da cidade. Como não pagavam salário para menor, era sua mãe quem recebia seu salário. Ele só ficava com as gorjetas que lhe davam os “*tomadores de café*”. Quando ficou maior, o convidaram para trabalhar no Hotel Glória, que pertencia a um amigo de seu pai e onde seu irmão Adelino já havia trabalhado. Nesse novo serviço, ele encerava o assoalho, limpava banheiros e fazia alguns serviços pesados. Quando terminava, Gildo ainda ia ajudar na cozinha, já que assim tinha também a oportunidade de levar o que sobrava do restaurante para sua casa.

O segundo irmão mais velho de Gildo, Djalmo, acabou indo morar com um amigo com situação financeira melhor que a de sua família e, mais tarde, também acabou indo para Rio Grande que, segundo Gildo, devido a falta de mão-de-obra da Empresa Swift, havia se tornado "*o refúgio dos desempregados de Bagé*".

A partir de então, Gildo era quem sustentava a casa. O outro irmão mais velho trabalhava, mas não ajudava na economia doméstica e depois também acabou saindo de casa e indo para Rio Grande. Para Gildo, eles estariam mais preocupados com suas vidas do que com a família. Entretanto, antes disso, sua mãe confiava no filho Adelino, e dava-lhe o dinheiro do aluguel da casa para que ele pagasse, que na maioria das vezes era gasto em bailes. Por causa disso, Gildo e sua família ficaram sem ter onde morar e novamente foram para os fundos da casa de seu tio Gercy, que morava com a mãe, Celestina.

Ao completar 18 anos, Gildo foi servir no exército, onde segundo ele, mesmo sem ter estudado, aprendeu muito. Recebia muitos conselhos do comandante do pelotão, o qual levava Gildo para sua casa quase que diariamente para que este fizesse algumas tarefas domésticas, como limpar o pátio e lavar os carros da família. No final do dia, Gildo retornava ao quartel para responder o boletim.

Ao sair do quartel, ele começou a trabalhar como servente de pedreiro. Nessa época, em um churrasco promovido por um amigo de seu pai, Gildo conheceu Glades, jovem que anos mais tarde viria a tornar-se sua esposa. Ele já a conhecia do tempo de infância, pois eram vizinhos, mas na adolescência um sentimento maior surgiu entre os dois.

Gildo conta que sua juventude, apesar de sempre estar com dificuldades econômicas, foi muito sadia e divertida. Ele freqüentava bailes nos clubes da cidade, ficava no parque central com grupos de amigos, dançava em blocos de carnaval e ia ao cinema. Muitas vezes ele e seus amigos nem assistiam o final do filme para esperar as garotas do lado de fora do cinema para paquerar, "*era só olho*". Hoje em dia, ele continua participando de festas que ocorrem no Bairro onde mora ou de bailes promovidos pelo partido que está filiado, no entanto, o cinema não lhe desperta mais atenção. Já faz mais de 40 anos que Gildo não entra em uma sala de projeção, pois, segundo ele, entraram em sua vida outras prioridades.

Quando ele iniciou o namoro com Glades e a pediu em noivado, a mãe dela lhe perguntou como ele pensava em sustentar a filha e onde morariam, dando a entender que ele não teria condições de casar-se com ela. Segundo ele, essa pergunta marcou muito sua trajetória e foram essas palavras que lhe deram "*forças para vencer na vida*".

Em 1952, à procura de uma vida melhor e seguindo a tendência migratória rural-urbana¹⁴, Gildo e sua família partem para Porto Alegre, capital do Estado, já que "*naquela época, o bom era ir para a capital, onde existiam mais oportunidades*". Ele lembra que foi um dia depois de ter escutado na rádio, uma espécie de serviço de alto falante que existia na praça central de Bagé, a notícia da morte do Cantor Francisco Alves, "*o rei da voz*". Na viagem de trem até Porto Alegre, Gildo foi ter a noção da importância nacional deste cantor. O percurso foi

¹⁴ Com a mudança da industrialização, nos anos 50, a migração rural-urbana acentua-se no País. A partir de 1950, foram mais significativos os fluxos das áreas rurais em direção aos principais centros urbanos do Estado.

marcado por muita tristeza e em cada nova estação, mais músicas do cantor eram “tocadas”. Quando chegaram na capital, eles foram viver novamente durante um período na casa do Gercy, irmão de sua mãe, que havia se mudado alguns meses antes.

Em setembro de 1953, Gildo conseguiu seu primeiro emprego em Porto Alegre. Trabalhou como pedreiro e permaneceu neste ramo até 1962. As suas irmãs também conseguiram empregar-se: Maria Noé como vendedora e Hizalda em uma fábrica de confecção. Com três fontes de renda, a família de Gildo saiu da casa do tio Gercy e alugaram uma casa no bairro Vila Jardim. Puderam até comprar seu primeiro rádio, que depois foi vendido para pagar algumas contas pendentes. O bairro onde moravam era longe do centro da cidade, por isso, Gildo e suas irmãs tinham que se levantar às 4 horas da manhã para chegar em seus empregos sem atraso.

Um ano depois, Gildo voltou para Bagé somente para casar-se com Glades e, em 1955, já em Porto Alegre, nasceu a primeira filha do casal, Vera. Quatro anos mais tarde, nasceu o segundo filho, Vítor e em 1970 nasceu, Andreia, a filha mais nova do casal.

Na construtora onde trabalhava, Gildo fez um grande amigo que passou a considera-lo como um pai. Silvino era seu nome e trabalhava na empresa como guarda da obra. Foi esse amigo que ajudou Gildo a iniciar uma nova etapa de vida em Porto Alegre.

A amizade do “*velho Silvino*” era tão grande que um dia ele pediu que o chefe dos dois liberasse o amigo para que ele se inscrevesse em um financiamento para obtenção de uma casa própria. Como Gildo não tinha dinheiro suficiente, já que dava todo o salário para que a mãe pagasse os gastos domésticos, o amigo Silvino também lhe deu dinheiro para se inscrevesse no plano para recebimento de um imóvel no Conjunto Residencial do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (Vila do IAPI, localizada no bairro Passo D’Areia), construído no período de 1946 à 1954.

Mesmo que a Vila do IAPI tivesse sido idealizada para ser um conjunto habitacional modelo, que beneficiasse a classe operária, muitos não puderam adquirir os imóveis, pois o piso salarial era menor do que o Instituto estipulava, decorrendo, então, na locação das moradias por funcionários do instituto e por “*trabalhadores não-operários*”. Com o passar do tempo, o bairro começou a ser desocupado para ser instalado um sistema de distribuição de imóveis com financiamento. Nessa época, Gildo inscreve-se no plano, mas teria que esperar anos até que os imóveis fossem desocupados. Mesmo assim, a “ordem” que recebeu de seu amigo Silvino para se inscrever no financiamento, fez com que ele fosse um dos primeiros novos moradores do bairro IAPI, para onde mudou-se em 1962.

Gildo sempre teve muita sorte e facilidade em encontrar pessoas importantes e prestativas em sua vida. Reflexo disso também foi Sírriaco de Oliveira — que conheceu quando estava procurando um lugar para morar com a família —, outro amigo que ele conquistou e de quem recebeu ajuda. Ele sempre passava em frente a um sobrado na rua Plínio Brasil Milano, que parecia abandonado. Procurou saber, através de um vizinho, quem era o proprietário daquela casa. Dessa maneira, conseguiu chegar até o dono, Sírriaco Oliveira Dias que, por coincidência, também era de Bagé e *“ficou aquela amizade”*.

Quando Gildo saía tarde do trabalho ou tinha algo para fazer depois do expediente, não tinha como ir para sua casa na Vila Jardim, então, ele ficava na casa do Sírriaco. Até pela madrugada, depois das festas, ele ia dormir na casa do amigo, já que depois das 10 horas da noite não haviam mais ônibus que fossem para o bairro onde morava.

Com a ajuda desse amigo, Gildo também pôde casar-se, pois conseguiu um lugar para morar e ficar com a esposa. Sírriaco emprestou-lhe uma casa que ficava na Av. Plínio Brasil — mesma que Gildo havia se interessado e a que fez com que os dois se conhecessem. Como ela estava inacabada, em troca do empréstimo da casa, ele foi terminando de construí-la para o amigo.

A partir de 1962 iniciou-se uma fase muito boa na família de Gildo. Sua esposa trabalhava em um consultório médico como secretária e sua irmã Hizalda em uma fábrica de confecção. Logo depois, a irmã formou-se como enfermeira e foi trabalhar na VARIG, indicando a cunhada Glades que também acabou conseguindo

um emprego nessa empresa como telefonista. Gildo, durante essa época, começou a trabalhar como carteiro. Assim, sua família passou a “*conviver num outro meio social*”. No entanto, o único acontecimento desagradável e muito triste que aconteceu nessa época foi o falecimento de sua mãe, que faleceu no mesmo dia em que ele assumiu o emprego nos Correios e Telégrafos.

Os episódios que uniram Gildo a Siriaco e ao velho Silvino, refletem o que o próprio Gildo considera como sendo sua facilidade de fazer amigos. Foi também através da amizade que Gildo conseguiu, em 1962, um emprego temporário como carteiro na Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos. Seu amigo de infância, Alceu Colares, trabalhava nesta empresa e como na época a cidade estava em período eleitoral e haviam muitas correspondências paradas no Porto de Porto Alegre, estavam contratando trabalhadores por nove meses. Porém, antes que expirasse o tempo de contratação, Gildo liderou um grupo de funcionários, como ele contratados, que viajou para o Rio de Janeiro — antes capital do País. O propósito dessa viagem era o de lutar pela aprovação de uma Lei que estava tramitando no Congresso, cujo objetivo era o de fazer com que todos os contratados fossem efetivados. Com esse acontecimento, Gildo foi pela primeira vez à capital brasileira e ingressou na política classista. A lei foi aprovada e ele foi efetivado junto com seus colegas através de direito retroativo. Essa fase, segundo Gildo, foi que o lançou na vida de líder classista. Mas o que realmente incentivou Gildo a envolver-se com política foi a dificuldade de conseguir emprego.

No ano seguinte, em 1963, começaram as eleições para a nova diretoria do antigo Grêmio da Associação dos Funcionários dos Correios e Telégrafos em Porto Alegre e Gildo participou da chapa, sendo eleito primeiro secretário. Segundo ele, nunca havia procurado a política, eram as pessoas que vinham até ele, pedindo que liderasse os movimentos. Já desde jovem, Gildo sempre teve o costume de liderar grupos. Era ele que frequentemente organizava festas e bailes que seu grupo de amigos realizava em Bagé. Até no colégio, já adulto, os próprios professores o procuravam para que fosse o representante dos alunos. As pessoas sempre o procuraram para pedir ajuda e opiniões, pois era prestativo e gostava do que fazia. Segundo Gildo, o mesmo acabou acontecendo dentro da empresa onde trabalhou como carteiro, porque o consideravam uma pessoa responsável e correta. Possivelmente, devido às dificuldades que passou na vida, tornou-se uma pessoa que entendia o que era realmente necessitar de ajuda. Afinal, sabia como é importante quando alguém nos estende a mão bem na hora que precisamos.

Nessa época, Alceu Colares, o amigo de infância, começou a surgir como político, criando a Cooperativa dos Funcionários dos Correios e Telégrafos (CT). Veio então a candidatura de Colares e os carteiros ligados a Associação ajudaram a distribuir os volantes, entre eles Gildo. Nesse mesmo ano, Alceu Colares foi eleito vereador e Gildo começou então a participar de todos os movimentos que ocorriam dentro do CT, inclusive de movimentos grevistas, mesmo sendo eles proibidos pelo estatuto dos funcionários da União.

Dentro da empresa, Gildo sempre procurou manter-se bem informado. Mesmo que ele não tivesse tido a oportunidade de estudar quando jovem, sempre

procurou “pesquisar” por conta própria. Ele disse que isso fazia com que os outros o respeitassem.

Com melhores condições financeiras, dois anos depois, por volta de 1964, Gildo compra a primeira televisão da família e conta, com orgulho, que foi uma das primeiras no edifício onde mora até hoje. Antes de adquirir a televisão, ele, a mulher e os filhos iam até a casa do tio Gercy, que morava em outro bairro, para assistir programas de auditório que eram transmitidos no meio. Já com o novo aparelho eletrônico em casa, falou que muitos vizinhos iam lá para assistir os programas. Nos jogos de futebol da Copa de 1966 e quando o homem desceu na Lua, em 1969, “a sala estava cheia de vizinhos”.

Como Gildo não conseguiu estudar quando criança, foi só depois de casado, ainda trabalhando como pedreiro e depois que seus dois primeiros filhos nasceram, que descobriu o primeiro curso de alfabetização noturna, montado por Jaime de Marcos, na Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na época, ele não tinha nem o primeiro grau completo, já que seu problema maior era ajudar sua mãe a criar os irmãos. Conseqüentemente, não sobrava tempo e nem dinheiro para estudar. Gildo, sua irmã Hizalda e alguns colegas dela, que trabalhavam na VARIG, foram aprender a escrever as primeiras palavras.

Querendo aprender mais rápido, Gildo trocou o curso de alfabetização por aulas particulares com uma professora, mulher de um político, mas depois ele teve que abandonar por falta de condições econômicas. Ele só conseguiu terminar o primeiro grau em 1977. Quando estava cursando o segundo grau, tentou também

fazer com que seu filho Vitor também terminasse os estudos, pois havia parado de estudar. No entanto, devido a dificuldades com algumas matérias, também estava pensando em desistir e, conseqüentemente, não tinha como incentivar o filho. No final, com a ajuda de uma professora, Gildo acabou formando um grupo de estudos para ajudar alguns amigos que também sentiam dificuldades de entender as mesmas matérias. Assim, em 1980, conseguiu terminar o segundo grau, formando-se como técnico em propaganda.

Em 1975, a empresa onde Gildo trabalhava começou a investir nos funcionários para que eles realizassem cursos de especialização por área. Assim, ele conseguiu passar por todos os setores externos e internos, chegou a técnico postal e trabalhar no setor de Controle de Qualidade. Foi essa sua função até sua aposentadoria, que se deu em 1992.

No fim da década de 70, iniciou-se um movimento para a formação do Partido Trabalhador (PT) no Bairro IAPI, processo que dependia de mais de mil assinaturas para concretizar-se. No Colégio João Bosco havia um posto para colher assinaturas do bairro. Dessa maneira, Gildo, antigo morador do bairro, entrou na luta pelo partido e foi um dos primeiros a filiar-se a ele.

Com sua experiência política dentro dos Correios e Telégrafos, Gildo, em 1982, também começou a atuar na Vila do IAPI, que nesse período, segundo ele, encontrava-se em “abandono total”, principalmente, com falta de condições sanitárias. O Governo Municipal começou a realizar algumas obras comunitárias, por essa razão, os moradores do bairro sentiram a necessidade de organizar-se para

conseguir direitos e realizar algumas mudanças na comunidade. Desta maneira, o Centro Comunitário da Vila do IAPI foi instalado e Gildo foi um de seus fundadores. Em 1992, foi eleito o presidente do Centro Comunitário, sendo o terceiro na história do Centro Comunitário e reeleito durante três anos consecutivos.

No mesmo ano, Gildo aposentou-se da empresa onde trabalhava. Mesmo assim, continuou ligado à questões que fossem relacionadas com direitos dos funcionários, indo diversas vezes à Brasília para defender projetos que beneficiassem a categoria.

Com mais tempo para dedicar-se à política, ele também começou a participar de muitas reuniões do PT, partido que havia se filiado na década de 70. Além disso, com seu vasto currículo — era presidente do Centro Comunitário, participava constantemente das lutas classistas e dos movimentos da Vila do IAP e foi um dos primeiros a filiar-se ao partido — Gildo comprova sua experiência e, em 1996, candidatou-se para vereador. A tentativa de eleger-se vereador seria uma maneira de ajudar os outros, ascender socialmente e também de ajudar a família, para ele o dinheiro não lhe interessava muito, pois *“poderia ser vereador até de graça”*.

Gildo não conseguiu eleger-se, porque segundo ele, a campanha não teve muitos recursos econômicos. Porém, seu sonho de candidatar-se novamente perdura e as participações em reuniões da comunidade e do partido continuam. Aos 70 anos de idade, ele encontra-se em plena atividade social e política, tem muito orgulho em contar das dificuldades que passou durante grande parte de sua vida e

de ter conquistado um “pequeno” patrimônio (uma casa e um terreno na praia, dois apartamentos em Porto Alegre, uma chácara e até um jazigo em um cemitério). Para Gildo, a vida foi que lhe ensinou a ter coragem e vontade de trabalhar e mostra que se pode fazer muito quando se tem vontade, basta acreditar.

7 O RESGATE DAS MEDIAÇÕES

7.1 Janeta

7.1.1 Temporalidade social

A maneira como se dá o encontro do tempo social com o tempo individual é o que pode ser chamado de temporalidade social. Este encontro, segundo Martín-Barbero (1993), possibilita as mais diversas percepções e experiências culturais e sociais. Na vida de Janeta, por exemplo, existem dois grandes marcadores dentro da temporalidade social vivida por ela, ou seja, foram momentos onde existiu, de forma mais evidente e significativa — não pode ser esquecido que todos os dias o tempo individual se defronta com o tempo social das mais diversas formas —, o encontro entre sua experiência de vida com uma nova realidade social, fazendo com que ocorressem uma série de transformações na trajetória da entrevistada. O primeiro, foi a mudança de país (Rússia → Brasil) e o segundo, foi a vinda para Porto Alegre (interior → capital). Primeiro foi uma mudança cultural drástica, pois no seu país de origem a cultura formal era mais desenvolvida:

“Notei [o atraso local], porque era um ermo. Para eu ir ao colégio tinha que caminhar três quilômetros por onde tinham bois e vacas que atacavam e

machucavam. Meu irmão foi machucado, porque não conseguiu correr (...). A gente tinha medo de ir, mas pelos bichos e não pelas pessoas”

No entanto, é importante salientar que em ambas as condições sociais eram bastante precárias. A vinda de Janeta fez parte do movimento de imigração judaica, no qual sua família foi obrigada a aderir, pois na Rússia sofriam com a discriminação e violência étnica desde o final do século XIX, não existindo possibilidades de estudo e nem de trabalho. Possivelmente se não houvesse esse evento social, a família não se veria forçada a imigrar, o que mostra a força que esse tempo histórico desempenhou na vida dos judeus, fazendo com que as pessoas que sofreram com esse encontro, não tivessem escolhas maiores para o futuro, a não ser a fuga para outro país:

“Era muito anti-semitismo, os judeus não tinham direito de irem nos colégios superiores, judeus não tinham o direito de viverem em cidades grandes, nem judeus, nem negros, nem ciganos. Perseguiam muito e matavam muitos judeus. Então procuravam imigrar, muitos imigraram para os EUA. Durante a primeira Guerra Mundial, entraram na vila onde morava e mataram 40 judeus em uma semana. Eu me lembro que bateram na nossa janela para nos avisar e minha mãe, meu irmão e eu fugimos para o mato”.

Ao chegar na colônia de Quatro Irmãos (RS - Brasil), Janeta e sua família, apesar de terem chegado dois anos após a revolução de 1923 — um momento difícil para todos —, encontraram um cenário propício para conquistar a liberdade social e espacial. Essa colônia abrigava famílias de imigrantes e de brasileiros que, como a

família de Janeta, procuravam melhores condições de vida. Na chegada, sentiram ainda alguma hostilidade no ar, comparada por ela inclusive com a perseguição aos judeus, pois a luta entre os Chimangos e Maragatos, segundo ela¹⁵, podia ser igualada aos bandidos que perturbavam o povo judeu e o governo russo. Mesmo assim, esse movimento não atrapalhou as chances dos judeus estabelecerem-se nessa região e de recomeçar uma nova vida:

“Achei aqui um paraíso do sossego. Nos tínhamos pouca coisa, mas tinha muita felicidade. Nós não tínhamos medo que nós atacassem, não tínhamos medo de sair, de que iriam surrar nossos filhos. Os brasileiros eram gente muito hospitaleiras”.

Apesar das diferenças sociais e culturais, os tempos familiares dessa colônia de imigrante e brasileiros relacionava-se em harmonia ao tempo social. No tempo de colheita, por exemplo, todas as crianças ajudavam, e o tempo individual era compartilhado por todos da colônia, transformando-se, assim, em tempo social:

“As crianças estudavam em dois turnos, de manhã e de tarde. No tempo de colheita eles mudavam o dia das aulas para que as crianças ajudassem na colheita, mas eles recuperavam essas aulas em outros dias”.

¹⁵ *“Quando apareceu a Revolução de 23, chimango e maragato, os judeus fugiram para lugares mais calmos e fizeram uma coletividade, Barão Hirsh. Naquela ocasião, não sei se foram chimangos ou maragatos, sequestraram e saquearam muito (...) Eu senti o clima da revolução. O que posso dizer é que esses chimangos e maragatos, ou Balajóytes era só no tempo de guerra. Mas aqui eles tinham porque brigar, lá na Rússia não”.*

Por se tratar de uma colônia judaica, os costumes relacionados à religião e a tradição desse povo não parecem ter sido modificados, uma vez que a comunidade reproduzia, em termos religiosos e culturais, a temporalidade social vivida pela maioria dos judeus no seus países de origem. Desta forma, o tempo social vivido na colônia propiciava para os judeus uma certa preservação das tradições. Os brasileiros que ali moravam, conseqüentemente, acabaram adequando-se e respeitando as tradições judaicas, entre elas, o sábado, considerado dia santo pelos judeus. Nesse dia, ninguém trabalhava, inclusive aqueles que não eram judeus. Os dias de feriados e de festas também eram respeitados por todos da comunidade que acabavam aderindo a essas comemorações. Percebe-se que, com a vinda para o Brasil, o tempo dedicado às tradições e a religião continuaram intactos na vida de Janeta, mostrando que a temporalidade social local, por reproduzir um tempo individual e social vivido na Rússia, não chegou a influenciar em suas práticas relacionadas com sua origem cultural.

Um fator que sofreu alteração e influências com a mudança de país foi a alimentação, pois teve que se adequar ao clima local e ao tipo de agricultura que era praticado na região. Assim como a culinária, o papel da mulher também foi outro fator que fez com que existisse um estranhamento maior com os costumes locais, pois as atividades femininas apenas eram dedicadas à lavoura e à tarefas caseiras — contrário do que ocorria na Rússia, onde a mulher podia trabalhar fora do ambiente doméstico. Desta forma, as judias, entre elas a mãe de Janeta, tiveram que se adaptar.

Em termos de conexão entre diferentes temporalidades sociais, o jornal desempenhava o papel de realizar essa aproximação, ou seja, a ligação entre o âmbito local com o regional, nacional e internacional. Tal como o periódico, o rádio também permitiu que essa aproximação se realizasse, mas com mais intensidade, uma vez que o jornal demorava muito para chegar à Colônia. No período da Segunda Guerra, o rádio foi adquirido pela família para suprir a carência de informação, já que o ritmo social no interior do estado — principalmente em um meio rural — era atrasado em relação ao tempo social da capital. Neste sentido, o rádio foi adquirido para conectar mais rapidamente essa família com a temporalidade social nacional e internacional:

“Durante a Segunda Guerra Mundial tinha um jornal que vinha daqui de Porto Alegre, mas levava dez dias prá vir porque era de trêm, não tinha avião. Naquele tempo as notícias demoravam muito tempo para vir (...) Assim, tudo que a gente podia saber era por intermédio do rádio. Como nós morávamos fora e as notícias demoravam muito, acabamos comprando esse rádio. Sempre estivemos ligados em notícias, história e acontecimento”.

Tal como o rádio e o jornal, mais tarde a televisão também acabou conectando as diferentes temporalidades sociais ao longo da trajetória de Janeta, proporcionando, como Martín-Barbero (1990) acredita, novas experiências culturais. Além de se conhecer outros lugares e conhecer outras linguagens, o tempo individual do sujeito ao se deparar com uma temporalidade social diferente — muito além daquela vivida por ele —, a percepção da realidade acaba sendo modificada/ampliada. Para Janeta, esse encontro tem o seu lado positivo e negativo:

“A televisão é muito boa, porque ela te aproxima de todos os lugares. Nós estávamos longe do mundo e a televisão nos aproximou do mundo. Agora o mundo é pequeno. Se fala em Nova York, da China, que a bolsa quebrou. A televisão te traz história para dentro de casa”.

Outro fato que enlaça diferentes temporalidades dentro da história de vida de Janeta é o forte envolvimento de sua familiar com as dificuldades e privações sofridas pelos judeus. Isso fez com que eles incluíssem em suas práticas sociais um tempo dedicado à caridade, realizadas através de instituições nacionais e internacionais. Esses momentos os conectavam a uma temporalidade social maior, evidenciando que a memória individual está fortemente vinculada à memória coletiva:

“Todos nós ajudávamos [imigrantes judeus recém chegados da Segunda Guerra Mundial]. Isso em toda parte. Lá em Quatro Irmãos tinha uma só. A coletividade chamava-se Iviritz Ezra, em hebraico quer dizer socorro. Cada um pagava 50 cents por mês e dávamos passagens para São Paulo, Erechim, Porto Alegre e mais algum dinheiro para os judeus que chegavam em Quatro Irmãos, porque lá não tinha muito em quê trabalhar”.

Se a vinda para o Brasil foi a primeira mudança cultural e social drástica na vida de Janeta, a segunda transição em sua trajetória de vida, como já foi apontado, foi o de sair do interior do estado e vir para a capital, modificando os costumes que a família seguia no meio rural. Esse evento não se deu de forma forçada, como o primeiro, mas também foi significativo porque a temporalidade social vivida na

capital do Estado era muito diferente daquela que Janeta estava acostumada, o que fez com que o ritmo e as práticas cotidianas delas sofressem alterações. Sua vida social, por exemplo, tornou-se mais intensa. Esse evento mostra mais uma vez que o encontro entre o tempo individual e o tempo social pode resultar, tal como Martin-Barbero (1993) enfatiza, em uma nova percepção e experiência cultural e social do sujeito:

“Muita coisa mudou. Na colônia, por exemplo, a vida era diferente. Eu, como dona de casa, tinha minha horta. Nunca comprei verdura. Tinha minhas galinhas, nunca comprei galinha. Tinha minha vaquinha, nunca comprei leite, nem manteiga, nem queijo. (...) Quando cheguei aqui, tudo era muito longe. Tinha que ir a mercado comprar leite, comprar pão. Afinal, tudo o que a gente precisa numa casa tinha que sair e comprar, e eu não estava acostumada (...). Eu vivi um tempo um pouco perdida”.

7.1.2 Cotidianidade familiar

Martin-Barbero (1993) escreve que a vida familiar é para a maioria das pessoas a situação primordial de reconhecimento. A partir da reconstrução da cotidianidade familiar, pode-se entender as práticas diárias¹⁶, pois nela o sujeito pode desenvolver suas principais características sociais e culturais. É nela que os indivíduos se defrontam como pessoas e dentro dela também irá se manifestar suas principais frustrações e ansiedades. Na vida de Janeta, por exemplo, a cotidianidade

familiar sempre teve um papel fundamental, pois foi através dela que as práticas religiosas e étnicas foram preservadas e transmitidas de uma geração para outra. A mudança de país não chegou a modificar as práticas familiares na vida desta imigrante russa. Tanto na Rússia quanto no Brasil, a cotidianidade familiar tinha como principal característica uma educação baseada nas tradições judaicas, onde o foco sempre centrou-se na cultura formal e religiosa.

No que diz respeito aos rituais religiosos, Janeta sempre tratou de cultivá-los, tanto que até hoje pratica os mais importantes dentro da tradição judaicas. Entre as principais práticas está o de acender toda sexta-feira à noite uma vela, momento onde inicia-se o Sabath. Outro ritual seguido até hoje é o Dia do Perdão, no qual ela jejua e vai a Sinagoga rezar o dia todo. Na família, atualmente, Janeta é a responsável em avisar os filhos e netos quando existem os festejos judaicos, tais como a Páscoa e o Ano Novo Judaico. Nesses dias, a família toda se reúne e almoça na casa de Janeta:

“No dia do perdão meus filhos comem. Eu não como o dia inteiro. Fico rezando na Sinagoga pedindo que Deus dê saúde e que não nos abandone na velhice. Que Ele cuide de meus filhos, meus netos, que são o mais caro de minha vida. Que Ele não tire o olhar de nenhuma criança e que dê tudo o que os necessitados precisam, pois ninguém merece sofrer. Todo o dia nós rezamos e depois parece que saímos de lá com o coração aliviado”.

¹⁶ Para Martin-Barbero as práticas diárias podem ser entendidas também como *ritualidade*, pois existe a repetição de diferentes hábitos que variam de sujeito para sujeito

Além dos festejos religiosos, a família reúne-se também para praticar o luto judaico:

“Nós temos sete dias de luto. A gente senta numa cadeira baixa, sem sapatos e faz duas rezas por dia. Não pode ser uma cadeira normal, porque numa cadeira normal tu senta quando está alegre, satisfeito. No luto tu tem que mudar alguma coisa ou sentir o ambiente mudado (...). Recebe todos os dias muita gente. Como nós não temos missa de sétimo dia, então nesses dias a gente fica contando e falando sobre a pessoa falecida. A gente chora e tira um pouco da dor de dentro. Fazemos isso reunidos com irmãos, filhos, sobrinhos, só os mais próximos”.

Os dias santos e feriados hebraicos são respeitados, mas foram acrescentados à eles também eventos nacionais e internacionais, mostrando mais uma vez a influência de outra realidade:

“Eu até hoje acendo minhas velas na sexta-feira e minha empregada não trabalha no sábado, porque na minha casa nunca ninguém trabalhou no sábado. Na sexta-feira, quando entrava o Shabat, era uma dança especial e nesse dia tinha também uma janta especial (...) As datas mais importantes são o Dia do Perdão, a Páscoa e o Ano Novo Judaico, mas nos também comemoramos o ano novo internacional e o natal”.

Sempre muito ligados à religião, a família tinha o hábito de conversar, quase que diariamente, sobre trechos da bíblia. Essa prática não chegou a ser seguida pelos filhos de Janeta, mas quando eles iam dormir ela e sua mãe contavam histórias do povo judeu para as crianças, o que mostra o grande valor dado a tradição.

Dentro da família, os papéis de seus membros sempre foram bastante definidos: os adultos trabalhavam e as crianças só estudavam, mesmo em tempos difíceis. Fora do horário de estudo, elas ajudavam um pouco nas atividades caseiras. Esse padrão foi seguido mesmo quando Janeta tinha empregada doméstica:

“Nós tínhamos empregada, mas era o hábito das crianças acordar cedo da manhã e cada uma tinha que arrumar sua cama, pendurar suas roupas e se preparar. Depois desciam, tomavam café e faziam a merenda para ir ao colégio que começava às 7h30 da manhã.”

Outro fator característico dentro da cotidianidade familiar de Janeta é o da economia doméstica. Mesmo depois que a família mudou-se para Porto Alegre e atingiu uma situação financeira estável e satisfatória, “traços” da culinária caseira seguiram os costumes do meio rural, do “feito em casa”. Essa prática reforça, mais uma vez, o poder que os hábitos familiares tinham mesmo quando fatores novos — como condições financeiras — entravam em cena.

O tempo semanal de Janeta, antes de seu casamento, era dedicado principalmente aos estudos, colocados em primeiro plano em relação ao trabalho. Com seu casamento, ela começou a dedicar seu tempo mais às atividades domésticas e em ajudar o marido na madeireira que possuíam. Durante 15 anos, Janeta ajudou seu marido com assuntos burocráticos da empresa. Além dessas atividades, Janeta, quando era mais jovem, também preenchia parte de seu tempo semanal fazendo rancho para uma creche situada em Viamão e que foi fundada pela família.

No que se refere à introdução dos meios de comunicação na cotidianidade familiar de Janeta, pode ser incluído o pensamento de Martín-Barbero (1993), enfatizando que a relação entre televisão e a família só se pode entender a partir da cotidianidade familiar. Neste sentido, não se pode entender o modo que os meios de comunicação influenciam na vida do sujeito sem perceber, antes, o que eles significam na vida familiar. Na trajetória de Janeta, por exemplo, com a introdução do rádio e da televisão, a cotidianidade familiar foi um pouco alterada, pois além do tempo dedicado a outros tipos de entretenimento (dança, canto, instrumentos musicais), foi acrescentado outra prática, a relacionada com os meios de comunicação. Mesmo assim, a disciplina familiar era seguida por todos, pois existia um horário específico para realizar essas atividades que, de certa forma, é seguida até hoje por Janeta. Todas as noites a família reunia-se para conversar ou realizar algumas práticas como as já mencionadas:

“A música estava no nosso dia-a-dia, nos cantava e dançava em casa, que não tinha rádio e não tinha televisão. Ai a gente cantava e dançava. Eu gostava muito de dançar. Isso eu acho que veio da infância: cantar, dançar e ler (...) Depois a televisão era nosso segundo plano. Quando nos juntávamos, a gente falava da casa, das pessoas, das coisas que cada um fazia, ouviamos e cada um dava sua opinião. A gente discutia a vida familiar e não tinha música, não tinha rádio, não tinha nada. Em Quatro Irmão a gente, na realidade, não tinha tempo para ouvir rádio. A gente ouvia mais as notícias, mas quando chegava em casa a gente estava cansada, e a horinha que a gente tinha era dedicada as filhos (...) Na minha casa até hoje tem horário prá ver televisão”.

Assistir televisão, pelo relatado por Janeta, não era um hábito familiar coletivo, tampouco social, pois quando toda a família se reunia, a prática principal era a conversa e o meio não entrava em cena. Os diálogos eram mais relacionados com o dia-a-dia de cada um e sobre acontecimentos gerais — tanto da cidade quanto nacionais ou internacionais. Eles nunca ouviram rádio ou assistiram televisão em casa de vizinhos — mesmo antes de adquirir seus próprios aparelhos —, o que vai de encontro com o que geralmente acontecia na época, no início da introdução do rádio e da televisão.

Atualmente, os meios de comunicação parecem estar mais presentes na vida de Janeta, pois, por não poder ler como antigamente — devido a problemas de visão — e por morar sozinha, o rádio e a televisão se destacaram no cotidiano dessa imigrante russa:

“Agora eu gosto muito de ligar, de manhã cedo, o meu radinho e coloco na Gaúcha que dá todas as notícias de primeira mão. Fico ouvindo até umas 8 horas e assim não preciso ler muito o jornal, pela minha dificuldade de leitura. Ao meio dia assisto o Jornal do Almoço na televisão e à noite assisto as novelas e o noticiário novamente. Depois das 10 eu não tenho mais condições de assistir mais nada e vou para o meu quarto ler o jornal e meu livrinho”.

Parece também que alguns hábitos familiares, como o de manter o rádio e a televisão desligados enquanto os membros da família conversavam, foram deixados de lado. Essa modificação pode estar relacionada com a presença da geração mais nova na família, fazendo com que sua cotidianidade se modifique:

“Todos os domingos o meu filho vem jantar comigo. Geralmente a gente deixa a televisão desligada, mas se tem alguma coisa que nos interessa a gente deixa. Agora quando tem futebol e tem os netos a gente deixa a televisão ligada”.

O tempo dedicado às atividades sociais de Janeta teve seu ápice durante seu casamento. Entretanto, com a morte do marido, o tempo dedicado a essas atividades sofreu uma grande mudança, uma vez que a frequência de ida à shows, bailes e cinema diminuiu e até desapareceu:

“Depois de casados nós éramos os primeiros a abrir baile e fechar. Aqui em Porto Alegre também iam os bailes. (...) Íamos todos os sábados ao teatro ou ao cinema (...) Depois que meu marido faleceu só fui uma vez ao cinema. Prá mim é meio difícil sair sem ele. Gosto muito [de teatro], mas não tenho ido, só uns concertos excepcionais”.

Outro momento de quebra é o decorrente da idade avançada, pois devido a falta de condições físicas, suas atividades sociais atuais são esporádicas. Ela, por exemplo, não frequenta a Sinagoga como antigamente, que era uma prática quase que semanal.

7.1.3 Competência cultural

Segundo Martin-Barbero (1993), a educação formal, as etnias, a classe social, as culturas regionais, o bairro, os dialetos locais, etc. configuram as modalidades de competências culturais e essas vivem da memória e do imaginário do sujeito. Com a

vinda de Janeta para o Brasil, ela passou a viver em outra realidade, fazendo com que as mais diversas práticas e experiências vividas fossem sendo modificadas, ou, até mesmo, que outras fossem acrescentadas na sua história de vida. Um exemplo dessa mudança foi a introdução de outros hábitos culturais, os ligados às tradições regionais gaúchas. A mudança de país também permitiu para essa imigrante russa, o acesso maior à cultura geral, pois a família tinha mais condições financeiras e maior abertura social, o que beneficiava o contato de Janeta com outras realidades culturais. Além desse fatores, foi possível intensificar a convivência social, já que os judeus tinham o direito de ir e vir — contrário do que acontecia na Rússia —, as participações em eventos coletivos passaram a fazer parte da vida de Janeta

O processo de adaptação foi difícil, pois o principal obstáculo encontrado era com relação ao idioma. Apesar da diferença cultural, depois de aprender o português, Janeta não teve dificuldades de moldar-se aos costumes locais e de conviver com os brasileiros, adaptando-se, inclusive, às tradições regionais. Tal como Martin-Barbero (1990) enfatiza, a *sociabilidade*¹⁷ é a trama que forma o sujeito e suas negociações cotidianas, nas quais ele inevitavelmente tem que adaptar-se. A *sociabilidade*, vista como mediação, ajuda a entender melhor alguns fatores que encontram-se na formação da competência cultural, uma vez que ela pode influenciar nas mais diversas experiências e características sociais do sujeito (poderia ser entendida como uma mediação dentro de uma mediação). Desde essa mediação, pode-se explicar o modo como os atores sociais constituem-se, mostrando

¹⁷ Além da temporalidade social, cotidianidade familiar e competência cultural, Martin-Barbero reconhece também a existência de mais quatro mediações: tecnicidade, sociabilidade, ritualidade e institucionalidade (RENERO, 1998)

também como se formam suas identidades. Pode ser visto que, na vida de Janeta, existiram diferentes sociabilidades e estas influenciaram na modificação e na aquisição de novas práticas culturais e sociais, inclusive as de aspectos identitários, que fazem parte da competência cultural da qual fala Martin-Barbero.

No que se refere aos hábitos relacionados com a cultura judaica, com a vinda para o Brasil, a culinária dessa tradição, por exemplo, começou a ser praticada somente nos dias de festas familiar. No entanto, mesmo com a introdução da culinária regional no dia-a-dia, alguns alimentos não eram e ainda não são consumidos pelos membros da família, seguindo o levítico¹⁸:

“Em geral numa festa a gente faz comida típica judaica, mas o arroz, o feijão que lá não tinha, nos adaptamos. (...) Mas eu nunca comi, na minha casa nunca entrou porco, nem salsicha, nem presunto, tudo o que vier do porco nós não comemos”.

As tradições judaicas, como já foi apontado, apesar de algumas alterações, não foram totalmente modificadas com a viagem para o Brasil. O idioma, iídiche, por exemplo, continuou a ser falado entre os membros da família. Janeta tratou de preservar essa tradição no espaço doméstico, onde o idioma foi ensinado para os filhos. Contudo, a prática religiosa não foi conservada tão fortemente quanto a praticada pela mãe de Janeta. Esse fator pode ser explicado pelo fato de que o marido de Janeta não era muito ligado às práticas religiosas, enfraquecendo as

¹⁸ Os judeus podem comer qualquer criatura que além de ruminar possuem o casco partido (ovelhas, gado bovino, cabritos e veados etc.) e aves como pombos, galinhas, patos domesticados e gansos. Entre as carnes proibidas pela religião — *treif* — estão as de camelo, porco, cavalo, burro, avestruz, cisne, pelicanos, cegonhas, entre outros (GORDON, 1997)

tradições judaicas dentro da família. Por outro lado, a razão pode ter sido relacionada com a mudança de cidade, deles terem ido morar na capital, dispersando o contato com outros judeus e mostrando mais uma vez a influência de uma nova sociabilidade. Além disso, o casamento inter-étnico também pode ter sido um enfraquecedor das tradições judaicas na vida dos filhos de Janeta.

No que diz respeito à cultura formal e ao estudo da religião, mesmo com a mudança de país, essas modalidades continuaram intactas na vida de Janeta, pois a educação e a preservação das tradições sempre foram prioridade para o povo judeu:

“O judeu em geral é o povo do livro¹⁹. Pode faltar um pouco de comida em casa, mas colégio para os filhos é mais importante”.

O estudo da bíblia, por exemplo, é realizado antes mesmo da criança aprender a ler e a educação religiosa de Janeta seguiu esta tendência:

“Ela [mãe] era muito religiosa, então ela estudava e lia muito a bíblia, os costumes, as maneiras, as canções, tudo isso veio de meu berço. A bíblia, por exemplo, comecei a estudar aos cinco anos, eu falava muito bem o Iviritz. Me lembro que a gente estudava trechos da bíblia, antes contados, depois lidos e depois traduzidos, que o hebraico nós não conhecíamos. Isso me ajudou a crescer na cultura e na sabedoria”.

Entretanto, ao chegar no Brasil, a prática cultural — leitura de livros religiosos —, em certo sentido, foi um pouco alterada, pois além de leituras

¹⁹ O judeu é também chamados de “dhimmi”, que em árabe significa “homem do livro”.

relacionadas com a cultura judaica, Janeta passou a ter contato com outros tipos de livros, tantos da literatura nacional quanto internacional:

“Eu li na infância até os onze anos livrinhos judaicos. Depois quando eu vim para o Brasil eu me apegava mais aos jornais e ao estudo. Li muitos livros, entre eles ‘Dona Flor e seus dois maridos’, mas isso foi diversão, não um livro cultural”.

Possivelmente devido à forte ligação com a cultura formal, a família tinha o hábito de hospedar professores para terem longas estadas em sua casa, como uma forma de facilitar o trabalho junto às crianças da família. Na Rússia, por não ter condições de pagar o colégio, a mãe de Janeta hospedava professores em troca de aulas particulares para os filhos. No Brasil essa prática também repetiu-se, não por falta de condições financeiras, mas sim porque a família tinha mais recursos dentro da comunidade para abrigar professores que vinham de outras cidades:

“A minha mãe ficou viúva com dois filhos. Tinha que nos atender e nos sustentar e nós judeus temos esse costume, antes de comer vem a educação. Então a minha mãe alugou a nossa casinha para um professor e em troca do aluguel eu fiz todo o primário”.

Mesmo hospedando professores de tempos em tempo, o papel dos pais também era o de auxiliar os filhos nos estudos escolares, pois acreditavam que essa tarefa não era só do professor:

“Todo mundo se queixava do Grupo Escolar, mas nós não, porque nossos filhos estudavam (...). A família tem que ajudar para o aluno ser bom, não adianta só a professora, o pai e a mãe tem que ajudar a professora, sem eles o filho não vai

adiante. A professora pode ser muito boa, mas se não tem o amparo da família junto aos alunos, pouco funciona”.

Outro evento que mostra fortemente como foi realizada a educação na família de Janeta diz respeito à caridade. Esta última prática mostra claramente que foi um traço adquirido através da religião:

“Vou a Sinagoga, peço a Deus, rezo, dou muita caridade, porque a nossa reza sem caridade não tem valor (...) Isso vem de nossa cultura judaica que estende a mão a quem puder, ‘faça bem e não olhe a quem’, esse é o objetivo da religião judaica”

Além da leitura, a música também é um fator cultural muito presente na vida de Janeta. Os gêneros musicais, inevitavelmente, também foram ampliados quando ela emigrou para o Brasil. Alguns anos depois, com a aquisição do rádio e de sua participação no grupo de jovens, também foram acrescentados outros tipos de canções e danças. Esse evento mostra, mais uma vez, que a sociabilidade e a introdução de uma nova realidade pode modificar as práticas e gostos culturais, alterando também a percepção:

“Quem tem gosto pela música e desde que nasce ouve música, mesmo que for clássica, popular, judaica, sempre irá gostar de música. Música não tem religião. Nos encontros de jovens no clube nos cantávamos todas as músicas de carnaval, um pouco israelita, um pouco brasileira. Quem sabia mais trazia pra nós ensinar e dançávamos maxixe tango. Os primeiros discos que compramos foi valsas de Strauss, valsas ciganas e judaicas”

O gosto pela pintura foi adquirido, pelo que parece, quando a família de Janeta passou a ter mais condições financeiras, possibilitando o contato com a arte nacional e internacional. Percebe-se, também, que com a vinda para a capital, o acesso a eventos culturais foi ampliado. Esse fato mostra que classe e ambiente social dão maiores oportunidades para a formação de novas competências, pois podem modificar a aprendizagem e acrescentar novos hábitos na vida do sujeito.

Martin-Barbero escreve que através da competência cultural pode-se explicar o uso que é feito dos meios da comunicação e que estes, por sua vez, também podem ativar a competência cultural. Um exemplo disso na história de vida de Janeta é o que aconteceu no período da Segunda Guerra Mundial. Ela e sua família liam e escutavam as notícias a partir da experiência vivida, conseqüentemente, não acreditavam facilmente no que era transmitido, pois sabiam que as condições do povo judeu sempre haviam sido difíceis em todos os tempos históricos. Esse fato identifica a importância da memória e do imaginário do sujeito social, fazendo com que a forma como é apropriada algumas informações estejam diretamente relacionada com a trajetória de vida do sujeito:

“Nós ouviamos, mas acontece que eles não dão a notícia como convém para eles, não as verdadeiras. Então a gente ficava sabendo só o que vinha do jornal e do rádio, mas na verdade a gente não sabia”.

Pode ser apontado outro exemplo que também mostra fortemente a influência da experiência de vida de Janeta quando esta entra em contato com os meios de comunicação. Apesar de assistir novelas e programas de auditório, Janeta prefere os

noticiários e de escutar os mais diversos tipos de música, ligados mais a uma tradição familiar antiga. Essa prática vai ao encontro do que Martín-Barbero acredita, ou seja, que a dinâmica cultural atua pelos gêneros e é a partir deles que a competência cultural é ativada, mostrando que, através dela, pode-se explicar o uso que é feito dos meios de comunicação:

“Sempre tivemos ligados a vida inteira em notícia, histórias, acontecimentos.

Isso desde pequenina . Eu me lembro que em nossa casa existia o tema”.

Com a ascensão social, Janeta, depois de casada, teve a oportunidade de realizar viagens. Enquanto viviam no interior, diversas vezes viajou para São Paulo. Já vivendo em Porto Alegre e com melhores condições econômicas, conheceu muitos estados brasileiros e vários países, tanto da Europa quanto do continente americano. O encontro com essas novas realidades ampliava a experiência cultural de Janeta. As viagens realizadas são vistas como um reforço cultural, pois a maior parte do tempo era dedicado para ir a museus, galerias de arte e a eventos culturais:

Ela atualmente não possui nenhuma ligação com a Rússia, pois desse país não sobraram lembranças agradáveis. Além disso, a ligação maior é com Israel, onde mantém parentes e amigos e, acima de tudo, a origem de sua cultura. Nos últimos anos é nesse país que passa seu tempo de férias. Apesar de gostar muito de Israel, não pensa em mudar-se para lá, uma vez que o Brasil recebeu seu povo muito bem, permitindo-lhe a conquista da liberdade, possibilidade de ascensão social e de uma identidade nacional

7.2 Gildo

7.2.1 Temporalidade social

Como já foi apontado, a temporalidade social se dá através do encontro entre o tempo individual e o tempo social. Quando esse encontro se dá de maneira mais intensa, possibilita uma série de transformações nas experiências e percepções do sujeito. Considerando a perspectiva de Martín-Barbero (1993), pode ser visto que existem, na trajetória de Gildo, três marcadores dentro da temporalidade social vivida por ele. Foram momentos que decorreram em rupturas mais drásticas e que modificaram em grande medida sua trajetória de vida e sua percepção de mundo. A primeira foi a mudança do meio rural para o urbano (campo → cidade); a segunda foi a vinda para Porto Alegre (interior → capital do Rio Grande do Sul); e a terceira foi quando conseguiu um emprego, comprou a casa própria e começou sua vida sindical, vivendo agora em outro nível econômico e social (biscateiro → emprego fixo) e mudando, assim, seus conceitos de vida.

A primeira transição coincide com início do fluxo migratório no Estado. Na década de 30, com a dinamização da indústria no país, assistiu-se a um movimento populacional, o deslocamento em grande escala das populações do campo para as cidades (BARCELLOS, 1996). Gildo, nessa primeira mudança, ainda era uma criança, mas sentiu muito essa transição. Quando morava no meio rural, ele só tinha que acompanhar seu pai na fazenda e na cidade se deparou com outra realidade cultural, social e econômica. Com a vinda para um ambiente urbano, o que mais marcou para Gildo foi a mudança no seu ritmo de vida, pois como a família tinha

que pagar o aluguel e comprar comida, assim, ele teve que começar a trabalhar para ajudar no sustento familiar:

“Antes dos oito anos eu morava numa fazenda, onde minha mãe se criou. Em cada fazenda tinha aquelas pessoas que trabalhavam para o proprietário e então faziam uma casa dentro daquele campo. Ai eles criavam seus filhos e tinham o direito de plantar uma quantia de feijão, milho, batata doce, batata inglesa e também dava prá criar alguns porquinhos, galinhas. Esse era nosso sustento. Eu tinha até uma potranca que ganhei quando me batizei. Depois o pai acabou vendendo tudo, até seis potranças de ótima qualidade que ele tinha, tudo por causa do jogo e acabamos nos mudando para Bagé. (...). Nos não tínhamos mais nada e com muita dificuldade conseguimos uma casinha para morar. Em Bagé, o primeiro emprego que eu tive foi em um pensão que era de um amigo do meu pai, então eu trabalhava o dia inteiro, ia trabalhar de manhã e voltava de noite. Quando chegava a noite, eu arrumava toda a cozinha, lavava tudo, e então, com a comida que sobrava eu enchia uma vianda e levava prá casa para os menores que esperavam com muita fome”.

O segundo marcador de tempo social de Gildo também foi um processo de migração, pois mudou-se para a capital do Estado, acompanhando também o fluxo migratório do interior para os grandes centros urbanos. A partir de então, Gildo passou a ter mais oportunidades em sua vida, uma vez que a cidade proporcionava maiores chances de emprego. Sua vida social não chegou a mudar muito porque, tanto em Bagé quanto em Porto Alegre, Gildo tinha uma vida social bastante intensa, a de ir a bailes, ao cinema e à igreja.

Na vinda para Porto Alegre é interessante salientar que Gildo não lembra exatamente do dia de sua partida, mas sua memória está conectada com um evento histórico/coletivo, a morte do cantor Francisco Alves. Logo depois, ele veio para a capital do estado com a família e foi então que percebeu a importância nacional do artista:

“Sabe que dia eu vim para Porto Alegre? Um dia depois da morte de um grande cantor, Francisco Alves. O dia que ele morreu eu estava em cima de um andaime, trabalhando como pedreiro. Parou tudo, era o Rei da Voz. A gente não sabia qual era a importância, mas durante a viagem sentimos uma tristeza geral, em todas as estações estavam tocando as músicas dele”

Na década de 50, o interior do Estado estava bastante distanciado do desenvolvimento da capital, conseqüentemente, a temporalidade social era outra, e Gildo percebeu, vivendo agora em outra realidade, o quanto a cultura formal era necessária. A dificuldade maior deu-se em relação à leitura. Por não saber ler, ele teve que se adequar a outros tipos de sinais, diferentes daqueles que ele estava acostumado em Bagé, ampliando, assim, sua competência cultural:

“Já sabia alguma coisa. Sabe, criança mesmo com dificuldade é esperta. Aprende sem ninguém ensinar. Escrever meu nome eu sabia. Dinheiro eu sabia sem ninguém ensinar. Sabia ler placa de rua. Lá em Bagé eu sabia direitinho o nome dos ônibus. Aqui em Porto Alegre eu tive que aprender a ler de novo. Recém tínhamos chegado de Bagé e também existia aquele medo de cidade grande

Apesar de ser descendente de negros, Gildo diz não ter sentido a discriminação racial ao longo de sua vida. Por ser mulato, ele vivia no “mundo” dos brancos e dos negros. Percebeu, no entanto, com a vinda para Porto Alegre e vivendo agora em outra temporalidade social — um pouco mais cosmopolita —, que a discriminação maior com relação ao negro ocorria no interior do estado:

“Bagé era uma das cidades mais racistas que tinha. Numa calçada andava os brancos e noutra, os negros. Eu nunca senti [discriminação], porque eu era jovem. Como eu era mulatinho, caminhava por qualquer lado. O problema era ser preto, preto (...). Mas hoje tá tudo mudado, principalmente aquele negro que evoluiu. Agora em muita cidade do interior é como Porto Alegre, tem muitos grandes advogados negros, grandes médicos, diversas categorias que naquela época não existiam”.

A terceira mudança foi a partir do ano de 1962, quando Gildo deixou de viver de biscates e conseguiu um emprego fixo como funcionário público, possibilitando uma ascensão econômica e social. Nesse ano, ele comprou sua primeira casa própria e a preocupação de moradia já estava superada. A partir de então, a família de Gildo passou a viver em outra realidade e a vislumbrar um futuro mais promissor. Essa fase ele mesmo confirma que foi a transição social e econômica fundamental de sua vida, pois até esse momento a preocupação maior era o da sobrevivência. Essa mudança o colocou em contato com outra temporalidade social, porque mesmo que a cidade continuasse sendo a mesma, a realidade vivida por ele passou a ser outra. A mudança de bairro e a mudança de nível sócio-econômico fez com que Gildo adquirisse outras experiências e outra percepção da cidade:

“A partir de 62 passamos a viver em um outro nível social. A única coisa ruim que aconteceu nesse ano foi perder a minha mãe. O resto foi tudo bom. A partir daí nossa vida começou a se transformar culturalmente prá melhor. A gente passou a conviver em outro meio e começou uma transformação social”.

Participando das atividades sindicais na empresa onde trabalhava e vivendo uma vida política intensa no bairro IAPI, para onde mudou-se em 1962, a vida de Gildo passou a estar muito conectada a uma temporalidade social, onde movimentos sociais e sindicais tinham um papel fundamental. A partir desse momento, todo seu trabalho começou a relacionar-se com o tempo coletivo da empresa, com o bairro IAPI e também com a cidade de Porto Alegre. Decorrente dessa forte ligação, Gildo tem presente em sua memória fatos políticos importantes da história da cidade, evidenciando a afirmação de Martín-Barbero (1993), que o tempo individual (memória individual) está conectado com o tempo social (história coletiva) e essa relação se intensifica na vida de Gildo por sua atuação social e política.

A sua atuação política dentro do bairro onde mora foi decorrente de sua participação como líder sindical na empresa e estes dois fatores favoreceram para que Gildo entrasse na carreira política, chegando a ser candidato para vereador. A sua trajetória sindical e comunitária faz com que ele esteja permanentemente ligado a fatos sociais. Conseqüentemente, vive uma temporalidade social muito relacionada à eventos e movimentos sociais do bairro IAPI, conectando sua vida à fatos políticos. Essa forte relação faz com que ele se interesse mais pelos eventos locais, principalmente os que dizem respeito aos do bairro onde mora, que ampliam seus conhecimentos políticos.

No que se refere a eventos históricos maiores, tanto nacionais quanto internacionais, parece que estes não influenciaram na dinâmica familiar. A revolução de 1964, por exemplo, segundo o próprio Gildo, aparentemente não modificou muito sua vida. Dessa época, ele lembra somente dos rumores de desaparecimento de pessoas e notou um pouco a censura política. Possivelmente sua memória desse episódio não chega a ser muito forte, porque estava recém iniciando uma vida sindical e política.

Gildo não chegou a viajar muito ao longo de sua vida, mas conheceu o Rio de Janeiro e Brasília devido a sua atuação política na empresa onde trabalhava. Essas viagens representavam a resolução de problemas sindicais e sociais. Outra viagem realizada por ele foi para o Nordeste do país para visitar parentes. Sua viagem para Salvador junto com o filho, por exemplo, lhe despertou grande fascínio por causa da cultura e história dessa cidade. A temporalidade social observada durante essa viagem trouxe algumas mudanças para Gildo, que percebeu diferenças culturais, decorrente do choque entre as temporalidades sociais do sul e do norte do Brasil:

“Foi uma maravilha. Eu voltei de lá [Salvador] com outra concepção. Lá nós fomos e passamos 30 dias. Passávamos o dia inteiro na rua. Eu voltei de lá dizendo que todos os pais deveriam ir viajar com os filhos para o Nordeste, conhecer os filhos e conhecer nossa história. Aprender a conviver com outros tipos de cultura. Nosso povo aqui é muito carrancudo, muito sisudo, muito sério, muito fechado. Lá não. O povo é humilde, simples, comunicativo. Tu arranja um amigo em dois minutos. O único problema é que o povo lá é muito devagar”.

Com melhores condições financeiras, Gildo começou a ter acesso à tecnologia do momento, como a televisão. Ao adquirir a primeira televisão, a casa de Gildo sempre estava cheia, pois os vizinhos iam para assistir alguns programas. Esse fato coincide com a tendência da época, o da audiência coletiva da TV, pois tratava-se de um produto caro. Só depois de 1964 que a televisão acabou tornando-se um produto mais popular²⁰ e acessível a população em geral, o que fez com que a frequência de vizinhos na casa de Gildo diminuísse:

“Eu me lembro que a gente saía de casa e íamos lá para o Gercy ver televisão. Passou-se um tempo e depois que nós compramos a televisão a sala ficava cheia de vizinhos. Na copa de 64 a sala estava cheia”.

Com a introdução da televisão Gildo também começou a ter contato com outro mundo, comprovando o que Mártin-Barbero (1990, 1998) escreve, que através da tecnicidade²¹ pode existir mudanças nas percepções e nas linguagens dos sujeitos. A televisão, por exemplo, faz com que seja possível a conexão do tempo social com o tempo individual, pois aproxima as pessoas à tudo aquilo que é distante, modificando, assim, as formas de pensar e de ver o mundo.

“No meu tempo se lia um livro de geografia. Hoje tu aprende geografia na televisão. Tu conhece o mundo inteiro na televisão”.

²⁰ Fase elitista (1950-1964), fase populista (1964-1975) – (MATTOS, 1990)

²¹ “En su análisis de la “atrofia del aura” en la obra de arte por causa de la reproductibilidad W. Benjamin será pionero en cuestionar la instrumentalidad de la técnica conectando las innovaciones de la tecnicidad con las transformaciones del *sensorium*, de los modos de percepción e experiencia social” (MARTÍN-BARBERO, 1990: 13).

7.2.2 Cotidianidade familiar

Já foi mencionado que a partir da reconstrução da cotidianidade familiar se pode entender muitas reações do sujeito, pois ela é, para muitos, o elemento fundamental de referência e reconhecimento. Além disso, segundo Mártin-Barbero (1993), o tempo familiar, além de interferir, possibilita o encontro entre o mundo social e o mundo individual, fazendo com que o sujeito possa fixar práticas, preferências, enfim, atitudes.

Na infância e na juventude de Gildo, por exemplo, a cultura formal não entrou na cotidianidade familiar, fato que pode ser explicado pela pobreza. Mesmo assim, a educação foi rígida, onde o trabalho tinha um papel fundamental, pois era o fator mais importante para a sobrevivência do grupo. Esse aspecto Gildo carregou durante toda sua vida e foi possivelmente por essa influência que ele sempre deu um valor primordial ao trabalho, sendo através dele que conseguiu melhores condições sociais e financeiras para sua família.

“Mesmo não tendo o segundo grau completo, tenho uma série de predicados: assiduidade e dedicação. Tudo isso eu trago do berço. Meu pai era rígido na educação, muito certinho no trabalhar. A convivência em família. Eu trago tudo isso do berço. Foi tudo isso que fez com que eu chegasse a ser candidato a vereador”.

Outro fator que sempre acompanhou a cotidianidade foi a prática da união e solidariedade familiar, que sempre esteve presente na trajetória de Gildo. Desde pequeno, ele acompanhava o pai em seus trabalhos campeiros e a partir dos oito anos começou a ajudar na economia doméstica. Sempre viajou junto da família, inclusive

para tentar uma vida melhor na capital do Rio Grande do Sul. Ele, atualmente, vive com as duas filhas e a mulher. O filho e suas netas frequentam a casa quase que diariamente. Todos os membros da família contribuem e participam da economia e decisões de investimentos domésticos:

“O Vitor ajudava de um lado, a Vera do outro. Eu faço eles fazerem um sacrifício para eles verem que as coisas não são fáceis. Futuramente eles vão lembrar ‘aquela vez meu pai me fez pagar isso’. Eles vão ter história também”.

Pode-se perceber que a vida de Gildo sempre foi muito voltada para a família, desde pequeno aprendeu a solidariedade familiar. Sempre a pessoa da família que possuía maiores condições financeiras ajudava aquele que se encontrava em dificuldades. Hoje, por possuir uma economia doméstica mais estável, a casa de Gildo passou a ser o ponto de referência dos demais familiares. Até seu pai, depois de ter abandonado a esposa e os filhos, acabou voltando para a casa do filho:

“Minha irmã foi buscar o pai lá em Rio Grande e trouxe ele para morar com ela. Mas os hábitos dele eram completamente diferente dos dela, pois ele era um homem que tinha sido criado no campo, de guspir no chão e não tinha muita higiene. Resultado: Ele veio morar aqui em casa. Ele ficou naquele quartinho lá em baixo. Fiz algumas modificações e coloquei prá ele um fogão — prá fazer seu carreteiro —, cama e uma mesinha. Mas ele andava doente e num sábado de aleluia ele morreu. Na, família não tem quem não tenha passado pela minha casa. Por exemplo, esses que estão lá em Salvador, nasceram aqui. Adoeciam e vinham prá cá. A minha casa sempre foi o pronto socorro. A minha casa chamo de hotel”.

Quando Gildo trabalhava, seu cotidiano estava dividido em três tempos: o tempo dedicado à família, o tempo dedicado ao trabalho na empresa e o tempo dedicado à política — tanto dentro da empresa quanto no bairro em que morava. Depois de aposentado, o tempo dedicado às atividades políticas foi intensificado e com o término das eleições de que participou em 1992, ele, agora, permanece mais tempo dentro de casa.

Outra característica que pode ser acrescentada na cotidianidade familiar é o da religiosidade. A mãe, a esposa e as filhas de Gildo sempre seguiram algumas tradições religiosas, como a de ir todos os domingos na missa. Ele, quando era jovem, também participava de eventos religiosos, mas, depois de adulto, essas práticas não foram incorporadas em seus hábitos. Possivelmente essa característica (a religiosidade) seja um fator difundido mais entre as mulheres:

“Creio em Deus e sou católico mas não vou à missa (...) Lá em Bagé nas sextas-feiras santas a gente saía e ia colher marcela (...) Na igreja a Glades vai aos domingos, desde guria. Eu ia apenas para ver as meninas sair. Era só o que eu fazia. Eu não pratico, porque tenho uma filosofia: cada um tem sua interpretação e segue o caminho que quer. Mas falando em Deus, o caminho é um só. O que muda é a maneira como tu fala dele.”

Em termos de entretenimento, pode ser acrescentado na vida de Gildo outro aspecto que revela sua cotidianidade: a introdução dos os meios de comunicação. Quando comprou o rádio, toda a família reunia-se para escutar os programas de auditório. Mesmo antes de adquirir este meio, ele, ainda morando em Bagé, ia

escutar rádio na casa da namorada. Depois de casado, essa prática coletiva estendeu-se à TV, pois ele e a mulher iam todos os domingos assistir televisão na casa de um parente:

“O programa que era mais assistido era o Chacrinha. Eu e a Glades éramos namorados e namorávamos escutando o Chacrinha. Lá tinha rádio. Na minha casa não tinha. Eu ia ouvir rádio lá na Glades (...) Eu também lembro que, aqui em Porto Alegre, a gente saía da nossa casa lá da auxiliadora e vínhamos assistir TV na casa do Gercy, que ficava aqui no IAPI. Nós recém casados e sem filhos. Ai passou-se um tempo e depois compramos nossa televisão”.

Depois que a televisão foi adquirida pela família, a prática coletiva continuou, fato que ocorre principalmente à noite, quando todos os membros da família estão em casa.

7.2.3 Competência Cultural

Por competência cultural pode ser entendido uma gama de fatores que influenciam nas práticas dos sujeitos. Esses elementos, segundo Martín-Barbero (1993), são chamados de modalidade de competência, sendo basicamente de ordem social (bairro, dialetos regionais, etnia, culturas regionais, educação formal etc.). Entretanto, o individual também entra em cena, uma vez que essas modalidades são ativadas pela memória e pelo imaginário do sujeito. A vida familiar de Gildo, como pode ser visto, sempre foi muito intensa, mas sua vivência social, pelo que parece,

foi o que lhe proporcionou maiores influências em sua vida, tanto que o próprio Gildo reconhece isso:

“A minha mãe não me passou nada. Tudo eu aprendi na vida, porque fiquei sem pai com sete anos e o pai de meus irmãos fui eu. Minha mãe, coitadinha, era analfabeta de pai e mãe. Então o responsável da casa era eu. Essa foi minha escola”.

No que se refere a educação formal, Gildo só foi aprender a ler depois de adulto. A partir de então, tratou de informar-se e aprender tudo o que podia, pois acreditava que dessa forma as pessoas iriam respeitá-lo. Mesmo que ele não tivesse uma tradição familiar voltada para a educação formal, logo que teve condições, Gildo entrou em um programa de alfabetização noturna para adultos:

“Pela maneira como eu fui criado, o meu problema era ajudar a minha mãe e criar meus irmãos. Não tinha opção de colégio. Depois que eu vim para Porto Alegre, descobri que tinha sido criado o primeiro curso de alfabetização noturna e fomos estudar lá (...) A grande escola que eu tive foi um professor de português num colégio só para adultos. Esse professor, o Mota, dava a etimologia de uma palavra. Gramaticalmente eu aprendi muita coisa. Eu posso até ter dificuldade em montar uma frase, mas eu tenho conhecimento da origem da frase (...).Sou muito pesquisador. Eu tenho paciência prá pesquisar. Tudo que eu vejo de livro na rua, pode estar até no lixo, eu guardo. No correio, de tanto pesquisar, de tanto ler todo mundo me queria bem, todo mundo me respeitava”.

Além de tentar aprender na escola e por conta própria, ele também obteve ajuda de inúmeras pessoas. Foi através de relações de amizade e profissionais que Gildo absorveu tudo o que pode. A partir dessas relações, obteve inúmeras oportunidades em sua vida:

“Ele se formou e eu ficava perto do Gabinete dele para que ele me ajudasse a fazer os deveres. Ele se formou e eu ia pro escritório dele. Tinha também a questão da convivência política e ele me dizia: ‘Gildo, quem fala mais alto politicamente é como advogado no tribunal, a gente ganha a causa. Temos que ter a força da palavra’. Isso foi um aprendizado que eu tive com as pessoas”.

Como Martín-Barbero escreve (1990), a sociabilidade é um fator que influencia na percepção do sujeito. Possivelmente devido a mudança de ambiente social, Gildo começou a dar muita importância a educação formal e a outros fatores que para ele antes não tinham muita relevância, uma vez que a prioridade maior era a do trabalho. Além disso, ainda hoje, por ter sido alfabetizado só depois de adulto, ele possui algumas dificuldades gramaticais, mas que tenta superar recebendo ajuda de alguém ou quando participa de alguns eventos que requerem mais formalidade:

“Eu considero que a gente tem diversos tipos de comunidade. A estudantil, a comunidade do trabalho, da família e assim sucessivamente (...) Eu sou do tempo do ‘ph’ e a Ana [nora de Gildo], sempre me corrige quando eu falo. Mas se eu estou em uma reunião, em um ambiente mais de nível, eu falo muito mais calmo do que estou falando agora. Eu arrumo as frases. No cotidiano eu volto as origens. Isso me

chama a atenção. Porque quando estou em uma reunião eu sou completamente diferente”.

Mesmo que a cultura formal não fizesse parte de sua cotidianidade familiar quando criança, Gildo sempre procurou incentivar os filhos para que terminassem os estudos e tratou de transmitir sua história de vida, valorizando sempre o trabalho e a união familiar. A importância dada a essa prática pode estar ligada à carência que Gildo sofreu quando criança e jovem:

“Eles tem, tanto de mim quanto da Glades, todo o apoio que precisarem, toda oportunidade que eles tiverem para estudar. Isso dentro do estudo. Agora dentro da vida, eu procuro fazer com que eles saibam de tudo de como cheguei até aqui. Como consegui este apartamento, como eu era quando solteiro. Eu conto as histórias para eles. Quanto mais difícil a jornada, mais valor a gente dá. Na vida familiar eu tento passar para eles. Todos os degraus de minha vida eles sabem”.

No que diz respeito a questão étnica, mesmo sendo descendente de escravos africanos, Gildo não conserva muitos traços culturais de sua origem negra — provavelmente devido ao distanciamento de seus antepassados e pela convivência com famílias de fazendeiros brancos. As tradições familiares tampouco desempenharam um papel forte em sua trajetória. Contudo, pode ser percebido em Gildo uma consciência histórica de seu povo, o que acaba se confirmando em sua viagem para Salvador:

“Minha mãe foi criada por uma família branca (...) Meu pai também foi criado por uma família branca, que ele foi dado para essa família. Naquela

pegavam pobre prá criar e eram registrados com o nome dela. Meu pai era filho de branco tradicional com uma negra, uma mulata. Esse senhor pegou ele prá criar. Minha mãe tinha o nome do pai ignorado e ficou só com o sobrenome da minha avó”.

Apesar das duas mudanças, do meio rural para o meio urbano e depois para a capital do estado, Gildo continuou com tradições ligadas à vida campeira (chimarrão e churrasco), mas não ligadas ao tradicionalismo gaúcho.

Com relação aos eventos sociais, Gildo, tanto em Bagé quanto em Porto Alegre, sempre foi freqüentador de bailes e de festas, nos quais participava quase todos os finais de semana. Até hoje, ele freqüenta bailes ou encontro com amigos — não tanto como antes —, mas esses eventos estão mais ligados à razões políticas.

“Todo dia 31, véspera de fim de ano fizemos uma festa aqui na frente. Já faz cinco anos consecutivos que nos fizemos. Começa 8 da manhã e termina 6 da tarde. Às 6 horas da tarde sai uma banda. Ano passado tomamos 250 litros de chope. Cada um traz a sua carne. O chope depois a gente divide”.

Gildo tem uma vida social e política bastante intensa e, possivelmente, por causa de suas atuações comunitárias e de viver há mais de 35 anos na Vila do IAPI, ele adquiriu uma forte “identidade bairrista”, tendo em sua memória eventos relacionados a esse bairro. Além disso, toda essa vivência fez com que ele tivesse um forte aprendizado dentro da política, fazendo com que as pessoas sempre o procurassem para pedir ajuda:

“Eu sempre procurei participar de tudo quanto é movimento (...) Eu sou fundador do Centro Comunitário e fui o terceiro presidente do IAPI por três anos consecutivos. Isso me deu oportunidade de participar em outros grupos de reforma urbana que discutiam projetos com a prefeitura. Fui presidente, mas continuo trabalhando. Eu sempre digo que sou patrimônio do IAPI. Eu continuo indo à reuniões. As pessoas que tem problemas me telefonam ou vêm aqui. Continuam me chamando e perguntando como vão resolver determinado problema, porque eu tenho acesso aos políticos e acreditam em mim. Eu trabalhei com o Orçamento Participativo desde 1981”.

O interesse de Gildo por assuntos políticos relaciona-se com sua trajetória solidária, mas também está ligado à acessão econômica, pois elegendo-se vereador existiria novamente uma oportunidade (como a de 1962) para mudar o nível social e cultural da família:

“Comecei a me envolver com política quando o Brizola se elegeu vereador pela primeira vez. Ali eu comecei a me envolver com política pela dificuldade de emprego (...) A candidatura para vereador foi um salto que eu procurei dá. Mas o dinheiro que eu ganharia não me importava. Eu poderia ser vereador até de graça. O meu objetivo era ajudar as pessoas que estavam em área de risco, na bera dos morro, dos arroio. Eu podia ser vereador até de graça”.

Devido ao seu emprego de carteiro por mais de 30 anos, Gildo tem um amplo conhecimento sobre a cidade e sobre o desenvolvimento da mesma. Desta forma, ele

tratou de utilizar a experiência adquirida durante anos de serviço trabalhando nas ruas de Porto Alegre para sua campanha política.

Mesmo que Gildo não tivesse muitas oportunidades de estudar, percebe-se que os meios de comunicação contribuíram para que seu conhecimento fosse ampliado. Ele próprio acredita que a mídia é uma forma de adquirir conhecimento:

“Eu gosto de ver e escutar entrevistas. Eu aprendo muita coisa assim: vendo, lendo e escutando. Geralmente quando eu posso eu escuto esses tipos de programas. Programa ‘comportamental’ é a coisa mais importante que se dá nas vidas das pessoas. Dão um ensinamento fora de série. Eu acho que é muito mais fácil ouvir. Por isso eu acho que o ensinamento hoje é mais fácil através dos meios de comunicação”.

O jornal e o rádio atualmente estão muito presentes em sua vida, o mesmo acontece com os noticiários e documentários da televisão. A procura desse gênero deu-se devido à suas atividades políticas, pois quando jovem sua preocupação maior estava voltada para o entretenimento em geral, música e programas de auditório. Entretanto, os filmes, as novelas, os programas de auditório e os seriados também são assistidos, já que com sua aposentadoria e com o fim das eleições em 1992, ele passa a maior parte do tempo em casa:

“Eu vejo tudo que é noticiário na televisão. Estudo o noticioso [jornal] de manhã, tudo o que aconteceu no dia anterior e as manchetes do próximo dia, os comentários de todo o país e fora. Depois tem os outros assuntos, comentários regionais.(...) Eu assisto porque sou obrigado a saber o que acontece em todo o país

(...) O Hoje o meu interesse são as coisas do meu município, do meu Estado. Porque eu também vou servir de professor dos meus filhos. O que eles não tem tempo de ver eu vou falar (...) E também em aquela coisa de depois eu sair na rua e a gente sempre tem que estar bem informado. Preparado para qualquer discussão na rua, dentro da comunidade. A gente tem que saber de tudo que está acontecendo. O homem público que defende os interesses da comunidade tem que estar sempre preparado”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do presente trabalho foi a de mostrar que a utilização da História de Vida pode tornar-se uma alternativa metodológica para o estudo das mediações propostas por Martín-Barbero. Entretanto, seria importante salientar que este estudo tratou de salientar como esta técnica pode ser usada mais precisamente no campo da recepção. Ao analisar as entrevistas e narrar as Histórias de Vida foi possível perceber uma memória bem presente a respeito dos meios de comunicação. Foi através das falas dos entrevistados e da reconstituição das Histórias de Vida que as mediações puderam ser identificadas e analisadas, a fim de poder mostrar como a trajetória de vida pode influenciar na “construção” do indivíduo como receptor.

A maioria dos estudos de recepção propõem a análise das mediações a partir do presente, sem considerar todo o processo de “construção” do receptor. Pelo fato do ser humano estar em constante mudança, o processo de socialização depende de uma gama de fatores que atuam durante toda a vida do indivíduo. Quando o sujeito se defronta com novas realidades e experiências, com novas referências culturais, com novos padrões sociais, com novos grupos sociais, entre outros, carrega consigo todas as transformações ocorridas que foram resultantes da sua vivência. Essas novas percepções culturais e sociais, tal como Martín-Barbero enfatiza, estão relacionadas

com as mediações que atuam na vida do indivíduo como receptores dos meios de comunicação. São elas que acabam constituindo o indivíduo em suas práticas e gostos culturais. Inevitavelmente, não se pode considerar só as práticas atuais ou do momento flagrado da recepção, mas também a seqüência de processos e influências que o indivíduo experiencia durante toda sua trajetória. Sabendo-se dessa condição, a utilização da História Oral, por se tratar de uma metodologia voltada a reconstruir o passado baseado na voz de testemunhos, pode contribuir em grande medida para o estudo da temporalidade social, cotidianidade familiar e competência cultural que atuam na trajetória dos receptores, pois através dela capta-se a experiência efetiva dos narradores.

Dado que o objetivo do trabalho foi a identificação da construção dos receptores e o resgate das mediações inseridas nesse processo, não se fixou no estudo da recepção propriamente dita. O que se perseguiu foi a reconstituição da trajetória de vida de duas pessoas, considerando a memória e o imaginário que atuaram e as "alimentaram" enquanto sujeitos sociais. O resultado das Histórias de Vida apresentadas, por exemplo, foi as formas como estes dois receptores se vêem e se constituem como seres sociais. Eles imprimiram às narrações suas próprias categorias, selecionando o que quiseram relatar, aquilo que para eles tinha mais significação. Mesmo sendo um processo subjetivo, possibilitou mostrar a maneira como eles se percebem enquanto receptores e sujeitos sociais, pois a experiência pessoal de cada um repercute no presente, que abarca práticas diferentes ou semelhantes aquelas realizadas num passado distante ou próximo. Pode ser acrescentado a essa perspectiva, a importância da forma com que os entrevistados

realizaram a construção da vida que levaram e as formas que utilizaram para explicar o que lhes aconteceu. Assim, a História de Vida pode representar, para os Estudos de Recepção, a maneira como as mediações vão atuando na vidas dos receptores e a forma como eles as vivenciam com o passar do tempo. A partir das narrativas foi possível encontrar quais foram os fatores de influência que mais se destacaram no processo de construção da recepção, pois a reprodução de um tempo vivido é sua história.

O resgate das mediações possibilitou mostrar elementos que indicassem como duas pessoas se “construíram” enquanto receptores, através da rememoração de eventos ligados à temporalidade social, cotidianidade familiar e competência cultural vividas pelos entrevistados. Buscou-se, assim, apontar os fatores mais significativos que influenciaram no processo de recepção dentro da trajetória de vida destes dois receptores, não esquecendo os aspectos de gênero, classe social e etnia. Entretanto, é preciso ressaltar que essas mediações estão estritamente vinculadas, apesar de estarem sendo apresentadas separadamente para objetivos analíticos.

(Temporalidade social)

A temporalidade social vivida por Janeta, por exemplo, mostrou que em dois momentos de sua vida o encontro entre sua experiência com uma nova realidade social modificaram algumas percepções culturais e sociais. Gildo, ao contrário, teve três processos de mudança para um novo espaço sócio-cultural, dois deles

semelhantes aos de Janeta, e o terceiro foi relacionado com uma nova posição na escalada social, decorrente do primeiro emprego estável de sua vida.

O processo de adaptação foi difícil tanto para Gildo quanto para Janeta, pois a temporalidade social vivida no interior e no meio rural era muito diferente daquela que eles tiveram que se adequar quando se mudaram para a cidade. O ritmo de suas práticas cotidianas, por exemplo, se tornou mais acelerado e a vida social mais intensa, vivendo em um espaço urbano maior.

Pode ser percebido nas trajetórias de Gildo e de Janeta que as mudanças ocorridas em suas vidas, a vivência de diferentes temporalidades sociais, fizeram com que eles ampliassem sua competência cultural. No caso de Janeta, ela passou a conviver com outro tipo de cultura, absorvendo dessa algumas características e incorporando alguns hábitos. Para Gildo, o movimento migratório de sua vida e as mudanças também fizeram com que ele se defrontasse com uma outra realidade, fazendo com que sua percepção cultural e social fossem alteradas e ampliadas.

(Cotidianidade familiar)

No que diz respeito a cotidianidade familiar, percebeu-se que mesmo com a mudança de país e com a aquisição tanto de novas experiências culturais e sociais, quanto de novas práticas em sua vida diária, os hábitos familiares de Janeta não sofreram muitas alterações, possivelmente porque eram baseados numa educação religiosa e cultural rígida. Para Gildo, entretanto, a cotidianidade familiar vivida na

infância e na juventude foram completamente diferentes daquela vivida depois de adulto. Mesmo que ele tenha “carregado” durante toda a sua vida alguns traços adquiridos desde a infância (trabalho e solidariedade familiar), estes valores possivelmente estiveram ligados mais a uma necessidade de sobrevivência do que propriamente à prática familiar originada na educação.

A cotidianidade familiar de Janeta sempre teve como principal característica uma educação centrada na cultura formal e religiosa. Também seria importante salientar o fato de que essa mediação parece ser a mais forte de todas, parecendo estar muito presente nas situações mais importantes da história de vida de Janeta. No caso de Gildo, mesmo que ele sempre tivesse tido uma vida familiar solidária, decorrente de sua necessidade de sobrevivência, foi sua vivência social — num âmbito mais amplo — que lhe proporcionou mais experiência e a que fez com que ele mudasse muitas percepções de sua vida, ampliando sua visão de mundo.

Com relação aos meios de comunicação, pode ser visto também que, tanto na trajetória de Gildo quanto na de Janeta, a introdução dessas tecnologias acarretaram mudanças em suas cotidianidades familiares, pois além do tempo dedicado às atividades realizadas antes da introdução do rádio e da televisão, entraram em cena duas novas possibilidades de entretenimento, que modificaram e acrescentaram outras práticas diárias na vida de ambos. Entretanto, para Janeta, devido ao rigor da educação e à importância dada às conversas familiares, existiam horários específicos dedicados à escuta do rádio ou à assistência da televisão que, de certa forma, são seguidos até hoje por essa imigrante russa. Para Gildo, essa condição tornou-se diferente, pois a família não possuía horários para tais práticas e tanto o rádio quanto

a televisão desempenhavam o papel de entretenimento e de companhia, que poderiam ser utilizados juntamente com outras atividades de lazer.

Percebe-se também que, na vida de Janeta, a audiência coletiva do rádio ou da televisão não foi difundida, mesmo quando a aquisição dessas tecnologias era difícil. Enquanto que na trajetória de Gildo este hábito sempre acompanhou as práticas familiares, principalmente no período de introdução do rádio e da televisão, quando o uso dos meios também era comunitário.

Outra característica observada foi que com o passar dos anos e com a chegada da velhice, o papel dos meios de comunicação, principalmente o de rádio e o da televisão, desempenhou uma nova perspectiva na vida dessas duas pessoas. Devido as suas idades avançadas e com a carência de outras atividades de lazer, estes dois meios estão mais presentes na vida de Gildo e Janeta.

(Competência cultural)

A competência cultural pode ser a mais significativa das mediações, uma vez que os gostos e as práticas formam-se de acordo com as modalidades de competência e essas, ao seu tempo, vivem da memória e do imaginário do sujeito que podem ser constituídos tanto a partir da cotidianidade familiar, quanto da temporalidade social.

Tanto na trajetória de vida de Gildo quanto na de Janeta, a questão da sociabilidade, por exemplo, permite entender que o sujeito acaba moldando-se à

realidade social vivida, uma vez que ela é a trama que forma o sujeito e suas negociações cotidianas. Na vida dessas duas pessoas existiram diferentes sociabilidades que resultaram na aquisição de novas práticas culturais e sociais, inclusive em aspectos identitários, dos quais fala Martin-Barbero.

A cultura formal, devido às diferentes trajetórias, está mais presente na vida de Janeta que na de Gildo. Para ele, o valor dado a essa categoria só aconteceu depois de adulto, mas, mesmo assim, a carência cultural não chegou a ser completamente suprida, ao contrário dela que tinha como meta familiar. Entretanto, apesar das diferenças culturais entre Gildo e Janeta, depois de adquirirem um padrão de vida mais elevado, tiveram em suas vidas outras opções culturais e sociais, conseqüentemente ampliando sua competência cultural.

Percebe-se que na trajetória de vida de Gildo os meios de comunicação foram de suma importância para o seu aprendizado, tanto social quanto cultural. Esse fator pode ser explicado pelo fato de Gildo ter começado a estudar depois de adulto e necessitar de processos de informação e de aprendizagem mais acelerados. Entretanto, para Janeta, os meios de comunicação desempenham um fator mais de informação e entretenimento do que propriamente um reforço cultural, uma vez que para ela a educação formal veio através dos livros, sendo considerada mais significativa.

Durante toda a trajetória de Janeta, enquanto receptora dos meios de comunicação, sua preocupação sempre esteve voltada principalmente à informação. Enquanto que, para Gildo, sua trajetória pode ser dividida em dois tempos: o da

juventude e o da vida profissional. Na primeira fase, Gildo dava preferência a programas de auditório e de entretenimento. Depois de começar sua vida política — que seria a segunda fase —, seu interesse centrou-se mais em programas educativos, de informação e de atualidades, com o intuito de ampliar seus conhecimentos sociais, políticos e econômicos sobre o país e a cidade onde mora.

Em linhas gerais, pode ser observado que mesmo que as trajetórias de vida de Gildo e Janeta tenham sido bem diferentes, algumas opiniões a respeito dos meios de comunicação assemelham-se. Pelas suas idades aproximadas, alguns valores e princípios continuam, possivelmente porque foram construídos em um mesmo tempo histórico. Ambos compartilharam da mesma oferta dos meios e da opinião de que eles “aproximam o mundo” e conectam as pessoas com outras realidades.

De forma geral, também pode ser percebido no presente estudo que o processo de construção da recepção é um fenômeno complexo e extrapola o contato com os meios de comunicação, pois ele é mediado por inúmeros agentes que atuam durante toda a trajetória de vida do receptor. Assim, as Histórias de Vida forneceram argumentos e formas de análises considerando a trajetória de duas pessoas, podendo estudar a interação deles com o mundo e com as pessoas com as quais eles se relacionaram ao longo de suas vidas. O permanente contato do indivíduo com outras experiências faz crer que nenhuma pessoa é uma ilha em si mesmo, cada um é uma porção do continente, uma parte do oceano. A análise de práticas culturais deve contemplar justamente essa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BARCELLOS, Tanya Maria Macedo de. *Migrações no Sul: caminhos para terras e cidades*. Porto Alegre, 1996. Dissertação de mestrado (Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BASTIDE, Roger. Introdução a dois estudos sobre a técnica das Histórias de Vidas. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983, p. 157-160.
- BEM, Arim Soares. *Televisão doméstica: da catarse ao distanciamento*. São Paulo, 1988, Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo.
- BENEDIKT, Adriana. Memória e narrativa: uma experiência de auto-invenção, *Comunicação & Política*, São Paulo, n. 3, v.4, p. 87-96, 1997.
- BENJAMIN, Walter. A Obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: *A idéia do cinema*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- BERTAUX, Daniel. De la perspectiva de la historia de vida a la transformación de la práctica sociológica. In: MARINAS, José Miguel; SANTAMARINA, Cristina (orgs.). *La História Oral: Métodos y experiencias*. Madrid: Debate, 1993, p. 19-34.
- BOSI, Ecléa. *Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRITTO, Maria Noemi Castilho. Memória e gênero. In: FONSECA, Claudia (org.). *Fronteiras da cultura, horizontes da antropologia na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993, p.187-194.

- BURUNAT, Francesc Espinet. Un corpus de "historias de vida" catalana del siglo XX. *Boletín de la Unidad de Estudios Biográficos*, Universidad de Barcelona, n. 2, p. 27-38, 1997.
- CAMARGO, Aspásia; HIPÓLITO, Lúcia e LIMA, Valentina da Rocha. Histórias de Vida na América Latina. *BIB - Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 05-24, set./1983.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. e NETTO, José Paulo. *Cotidiano: conhecimento e críticas*, São Paulo: Cortez, 1996.
- CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHANFRAULT-DUCHET, Marie-Françoise. Mitos y Estructuras narrativas en la Historia de Vida: La expresión de las relaciones sociales en el medio rural. *Revista História y Fuente Oral*, Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 4, 1990.
- COGO, Denise Maria. Algumas considerações sobre o sentido da informação para o telespectador. In: GOMES, Pedro Gilberto (org.). *Televisão e audiência: aspectos quantitativos e qualitativos*. Cadernos de Comunicação, Editora Unisinos, São Leopoldo, 1996, p. 79-83.
- D'AVILA, Naida Lena Menezes. *Na trajetória da modernidade: as camadas médias porto-alegrenses frente à modernização na década de 50*. Porto Alegre, 1996. Dissertação de mestrado (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. *Os anos dourados do rádio*. Porto Alegre: Estante de Literatura Ari/Corag, 1990.
- DEBERT, Guita G. Pressupostos sobre a reflexão antropológica sobre a velhice. *Textos Didáticos*, IFCH/UNICAMP, v.1, n.13, p. 7-30, Campinas, 1994.
- DROTNER, Kirsten. *Mediated Memories: Radio, film and formation of young women's Cultural Identities*, Dinamarca, cópia xelográfica, 1998.
- DUNAWAY, David King. La Grabación de Campo en la Historia Oral. *Historia y Fuente Oral*, Bcelona, n. 4, p. 63-78, 1990.
- ELIA, Maria Fernanda Longo. *Cartas a la televisión: memoria, biografía e identidad cultural*. Facultad de Ciencias Sociales, Carrera de Ciencias de la Comunicación - Universidad de Buenos Aires, mar. 1997.
- EMERY, Edwin; AULT, Philip H.; AGEE, Warren K. *Introdução à comunicação de massa*. São Paulo: Atlas, 1973, p. 221-231. Pesquisa em comunicações de massa.

- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. *"Folhando o passado": estudo antropológico sobre memória e identidade social na velhice*. Porto Alegre, 1995. Dissertação de mestrado (Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) *Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- FORD, Anibal. *Navegaciones, comunicación, cultura y crisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1994. Los médios. Tráficos y accidentes transdisciplinarios
- GALINDO CÁCERES, Jesús. História de Vida: guia técnica y reflexiva. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, Colima, v. VI, n. 18, p. 203-230, 1994.
- _____. La mirada en el centro. *Cuadernos de divulgación académica*, México, ITESO, n. 19, 1990.
- _____. *Sabor a Tí: metodología cualitativa en investigación social*. México: Universidad Veracruzana, 1997.
- _____. Del Objeto percebido al objeto construido. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, Colima, v.V, n. 9, p. 9-24, jun./ 1999.
- GALLIANO, A Guilherme. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Harper & Row, 1981.
- GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Modernidad y identidad del yo*. Barcelona: Ediciones Península, 1995.
- GÓMEZ, Héctor. Biografias radiofônicas: trayectorias y travesias por mundos sociales. *Estudios Sobre las Culturas Contemporáneas*, Colima, v.III, n. 6, p.07-31, dic. 1997.
- GORDON, Noah. *O Físico: a epopéia de um médico medieval*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GRISA, Jairo Ângelo. *Os sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular*. Porto Alegre, 1999 (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

- JACKS, Nilda. Tempo e espaço e recepção. In: NETO, Antônio Fausto, PINTO, Milton José (org.). *O Indivíduo e as Mídias*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996, p.197-207.
- _____. Estudos de recepção e a mediação cultural: procedimentos de uma pesquisa. *Revista CAESURA*, Canoas, n. 10, p. 66-74, jan./ jun. 1997.
- _____. *Para repensar a nossa pesquisa em comunicação*. cópia xerográfica, 1995.
- _____. Tendências latino americanas nos estudos de recepção. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 5, p. 44-49, dez./1996.
- _____; TUFTE, Thomas. Televisão, identidade e cotidiano (parte de um projeto integrado). In: RUBIN, Antônio; BENTZ, Ione; PINTO, Milton José (orgs.). *Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: História de Vida, suas possibilidades e limites. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 117-141, 1994.
- LAGNESS, L. L. *A História de Vida na ciência antropológica*. São Paulo: EPU, 1973.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Cristina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri. *História Oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1998.
- LERNER, Kátia, Memória como narrativa: História de Vida de imigrantes judeus. In: NETO, Antônio Fausto, PINTO, Milton José (org.). *O indivíduo e as mídias*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996, p.360- 373.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. *Intercom - Revista Brasileira de Comunicação*. São Bernardo do Campo, n. 23, p. 99-110, jun. 1995.
- _____. Uma metodologia para a pesquisa das mediações. *Coletânea Mídia e Recepção* (9º. Encontro Nacional da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação), Unisinos/Compós, São Leopoldo, p. 119-139, maio 2000
- _____; BORELLI, Silvia Helena Simões; REZENDE, Vera da Rocha; SCHAEFER, Maria Isabel. Mediações na Recepção de Telenovela. Trabalho apresentado no XXII Intercom, setembro 1999.

- LOZANO, Jorge E. Aceves. La Historia Oral e de Vida: del recurso técnico a la experiencia de investigación. In: GALINDO CÁCERES, Jesús (coord.). *Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación*. México: Addison Wesley Logman, 1998, p. 207-276.
- _____. Bibliografía comentada sobre História Oral e História de Vida. México, *Revista Sobre las Culturas Contemporaneas*, v.3, n. 8-9, p. 235-251, 1990.
- LUCENA, Célia Toledo Lucena. *Artes de lembrar e de inventar: (re) lembranças de migrantes*. São Paulo: Ed. Arte & Ciência, 1999.
- MALDI, Denise. A teia da memória In: *Etnohistória, Série Antropologia*, n. 1, fev./1993.
- MARINAS, José Miguel; SANTAMARINA, Cristina (orgs.). *La História Oral: Métodos y experiencias*. Madrid: Debate, 1993.
- _____. Historia de Vida e Historia Oral. In: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan. *Métodos y técnicas cualitativas de Investigación social*. Madrid: Síntesis Psicología, 1995, p. 257-285
- MARRÉ, Jacques Léon. História de Vida e método biográfico. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v.3, n.13, p.89-141, jan./jun. 1991.
- MARTIN-BARBERO. *De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonía*. México, GG Mass Midia, 3ª. ed., 1993.
- _____. La telenovela en Colombia: televisión, melodrama y vida cotidiana. *Dia-Logos de la Comunicación*, Lima, n. 17, p. 46-59, s/d.
- _____. De los médios a las practicas. In: OROZCO, Guillermo. *La comunicación desde las practicas sociales. Cuadernos de comunicación y practicas sociales*, n.1, Universidad Ibero-americana, México, 1990.
- MARTINS, Beatriz Araújo. *Revisando Paradigmas da Recepção*. Trabalho apresentado no Grupo de Recepção da Intercom, s/p. Março/96
- MATTOS, Sérgio. *Um perfil da TV brasileira (40 anos de história:1950-1990)*. Salvador: Abap - Associação Brasileira de Agência de Propaganda, 1990.
- MELO, José Marques de; Dias, Paulo da Rocha (org.). *Comunicação, cultura, mediações: o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero*. São Bernardo do Campo: Umesp, 1999.
- MORAGAS, Miguel de. *Teorias de la comunicación*. México: Gustavo Gili, 1985, p. 9-25: Introducción: ubicación epistemológica e ideológica de la investigación de la comunicación.

- MOREIRA, Renato Jardim. A História de Vida na pesquisa sociológica. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983, p. 177-182.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. *O rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.
- MORLEY, David. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996, p. 249-285: Hacia una etnografía de audiencia.
- MOYA, Juan A. Gaitán; RAIGADA, José L. Piñuel. *Técnicas de Investigación en Comunicación Social. Elaboración e registro de datos*. Madrid: Editorial Síntesis, 1998, p. 39-59: Observaciones directas.
- NADEL, S. F. *Fundamentos de antropología social*. Cap. III. Observación y Descripción, México: Fondo de la Cultura Económica, 1955, p. 47-68.
- NOVAES, Paulo. A terceira idade. *Coleção Tempo e Vida*, n. 2, p. 10-17, Rio de Janeiro: CBCISS, 1993.
- OLIVERA, Horácio Guadarrama. História Oral: usos y abusos. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, Colima, v. 3, n. 8-9, p. 69-74, fev. 1990.
- OROZCO, Guillermo. La audiencia frente a la pantalla: una exploración del proceso de recepción televisiva. *Diálogos de la Comunicación*, Lima, n. 30, 30 de jun. 1991.
- _____. *Tres aproximaciones y una razón para su estudio*. Cuadernos de Comunicación y Prácticas Sociales, Universidad Iberoamericana: México, 1991b.
- _____. No hay una sola manera de “hacer” televidentes. In LAMEIRAS, José; GALINDO CÁCERES, Jesús (ed.). *Medios y Mediaciones: Los cambiantes sentidos de la dominación en México*. México: ITESO, 1994.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e Indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricas*, FGV, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.
- _____. Memória e identidade social. *Estudos Históricas*, FGV, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indivizível” ao “dizível” In: VON SIMSON, Olga de Moraes (org.). *Experimentos com Histórias de Vida*. São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-41.
- _____. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU e FFLCH/USP, 1983. p. 161-175: História de Vida e Depoimentos Pessoas.
- QUINTANAR, Martha Renero. Una mirada al campo de la comunicación: conversación con Jesús Martín-Barbero. *Comunicación y Sociedad*, Universidad de Guadalajara, México, n. 34, p. 157-174, set./dez. 1998.
- REIS, Sérgio. *Making Off. Histórias bem-humoradas dos primeiros anos do rádio e da TV*. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1995.
- SANCHEZ, Adolfo. La electrificación rural en México: Informe sobre una aproximación a la Historia Oral. *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas*, Colima, v. 3, n. 8-9, p. 143-148, 1990.
- SANTOS, Myriam. O Pesadelo da Amnésia Coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. *RCBS*, n. 23, p. 70-84, out. 1993.
- SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. *Novos Olhares – Grupo de Estudos sobre práticas da recepção e produtos midiáticos da ECA/USP*, São Paulo, n. 2, p. 37-49, 2º. sem. 1998.
- SILVEIRA, Fabrício. *O universo como espelho. Um ensaio sobre etnografia e Reflexividade nos estudos de recepção*. Porto Alegre, 1998 (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SILVERSTONE, Roger. *Televisión y vida cotidiana*. Argentina: Amorrortu Editores, 1994.
- WEBER, Regina. Relatos de quem colhe relatos: Pesquisas em História Oral e Ciências Sociais. *DADOS - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 163-183, 1996.
- WILLIAMS, Raimond. *Television, technology and cultural form*. Hanover (E. U.): Wesleyan University Press, 1992: A tecnologia e a sociedade.
- WIMMER, Roger D.; DOMINICK, Joseph R. *La investigación científica de los medios de comunicación: una introducción a sus métodos*. Barcelona: Boch Casa Edditorial, 1996. p. 02-16: Cap. I - Ciências e Comunicación.